

Cadernos de Educação do SINTEP-MT

Formação de Profissionais da Educação
para as Questões Étnico-Raciais:

Racismo e discriminação no Brasil



Inspirado no ENSAIO CRÍTICO escrito por

Flávio Antônio da Silva Nascimento

Edição de texto feita por Vito Giannotti

**Acompanha este fascículo
um Livro CD do próprio autor
com o título *Porque somos
Racistas: o racismo contra o
negro afro-brasileiro. Pequena
Introdução Crítica.***

Composição da diretoria 2015/2018

Direção Executiva do SINTEP/MT

Presidente	Secretaria de Políticas Sociais
Henrique Lopes do Nascimento (Alta Floresta)	Marli Keller (Cuiabá)
Vice-presidente	Secretaria Adjunta de Políticas Sociais
Jocilene Barboza dos Santos (Cuiabá)	Maurocir Silva (Campos de Júlio)
Secretaria-geral	Secretaria de Organização Sindical
Miriam Ferreira Botelho (Rosário D'Oeste)	Ana Lúcia Antonia da Silva (Ribeirão Cascalheira)
1ª Secretária	Secretaria Adjunta de organização Sindical
Catarina Francisca (Nobres)	Elionai Rodrigues Chagas Witczak (Sorriso)
Secretaria de Finanças	Secretaria de Administração Sindical
Orlando Francisco (Cuiabá)	Omar Cirino de Souza (Barra do Garças)
1ª Secretária de Finanças	Secretaria Adjunta de Administração Sindical
Dirceu Blanski (Alta Floresta)	Ziquidalto de Castro Rodrigues (Itiquira)
Secretaria de Comunicação	Secretaria de Seguridade Social
Gilmar Soares Ferreira (Várzea Grande) - Licenciado de acordo com a Lei 064/90	Edna Mahnic (Primavera do Leste) - Licenciada Lei 064/90
Secretaria Adjunta de Comunicação	Secretaria Adjunta de Seguridade Social
Edevaldo José dos Santos (Primavera do Leste)	Francisca Alda Ferreira de Lima (Tangará da Serra)
Secretaria de Cultura	
Leilane Cristina Borges (Várzea Grande)	POLOS REGIONAIS
Secretaria Adjunta de Cultura	Oeste I - Regional Baixada Cuiabana
Luiz Bezerra Matos (Alta Floresta) - Licenciado Lei 064/90	Ricardo de Assis
Secretaria de Políticas Educacionais	Oeste II - Regional Paraguai
Guelda Cristina Andrade (Pontes e Lacerda)	Cabaçal Edmilson José Ferreira
Secretaria Adjunta de Políticas Educacionais	Oeste III - Regional Vale do Guaporé
Maria Luiza Bartmeyer Zanirato (Cuiabá)	Edna Bernardo da Silva
Secretaria de Formação Sindical	Nortão I - Regional Alto Teles Pires
João Eudes Anunciação (Rondonópolis)	Fernando Alves da Silva
Secretaria Adjunta de Formação Sindical	Polo Sindical Nortão II - Regional Médio Teles Pires
Sidnei de Oliveira Cardoso (Sinop)	Francisca Ilmarli Teixeira
Secretaria de Articulação Sindical	Nortão III - Regional Vale do Teles Pires
Julio César Martins Viana (Colíder)	Valdeir Pereira
Secretaria Adjunta de Articulação Sindical	Nortão IV - Regional Vale do Arinos
Tânia Cristina Crivelin Jorra (Lucas do Rio Verde)	Isac Pintor
Secretaria de Redes Municipais	Noroeste - Regional Vale do Juruena
Alex Ferreira da Cruz (Luciara)	Carlos Pereira da Rocha - Licenciado Lei 064/90
Secretaria Adjunta de Redes Municipais	Médio Norte I - Regional Vale do Paraguai.
Enos dos Reis Maria (Porto dos Gaúchos) - Licenciado Lei 064/90	Antônio Márcio Pinheiro Ramos
Secretaria de Funcionários (as) da Educação	Médio Norte II - Regional Alto Paraguai
Fábio da Silva Viana (Itaúba) - Licenciado Lei 064/90	Moisés de Almeida Silva - Licenciado Lei 064/90
Secretaria Adjunta de Funcionários(as) da Educação	Leste I - Regional Vale do Araguaia
Djalma Francisco de Sousa (Canabrava do Norte)	Arnaldo Rodrigues de Souza
Secretaria de Assuntos Jurídicos e Legislativos	Leste II - Regional Médio Araguaia
Maria Celma de Oliveira (Rondonópolis)	Maíra Pertle
Secretaria Adjunta de Assuntos Jurídicos e Legislativos	Leste III - Regional Baixo Araguaia
Orlandir Gonçalves Cavalcante (Cáceres) - Licenciado Lei 064/90	Marizete Maria do Nascimento
Secretaria de Infraestrutura Sindical	Sul I - Regional Serra da Petrovina
Edson Evangelista dos Santos (Cuiabá)	Bartolomeu Basili Belmonte
Secretaria Adjunta de Infraestrutura Sindical	Sul II - Regional Vale do São Lourenço
Edina Martins de Oliveira (Colíder) - Licenciada Lei 064/90	Doralice Vieira de Castro

Endereço SINTEP/MT

Sindicato dos Trabalhadores no Ensino Público de Mato Grosso Rua Mestre João Guimarães, 102

Bairro Bandeirantes - Cuiabá-MT CEP 78010-170

Fone: (65) 3317 4300 - 0800 654343 - Fax: 3317 4327

www.sintep2.org.br

Cadernos de Educação do SINTEP/MT

Formação de Profissionais da Educação para as Questões Étnico-Raciais:

Racismo e discriminação no Brasil

Inspirado no ENSAIO CRÍTICO escrito por

Flávio Antônio da Silva Nascimento

1ª Edição

SINTEP-MT
Cuiabá, MT
Maio 2017

© 2017 SINTEP/MT

Qualquer parte deste caderno pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Edição de texto

Vito Giannotti (in memorian) (NPC)

Projeto Editorial e Gráfico

Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC)

Diagramação / Produção Gráfica

Daniel Costa

Ilustrações

Carlos Latuff

Fotografia de Capa

Luiz Morier

Revisão

Sheila Jacob

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Nascimento, Flávio Antônio da Silva.

Formação de profissionais da educação para as questões étnico-raciais: racismo e discriminação no Brasil / Inspirado no ensaio crítico escrito por Flávio Antônio da Silva Nascimento. -- 1ª ed. -- Cuiabá: Sintep/MT, 2017.

60 p. : il.

Acompanha CD do autor: Porque somos racistas: o racismo contra o negro afro-brasileiro – pequena introdução crítica.

ISBN: 978-85-86422-71-3

1. Educação – questões étnico-raciais. 2. Discriminação. 3. Racismo. 4. Formação Política e Sindical - questões étnico-raciais. 5. Formação de Educadores. I. Título. II. Sindicato dos Trabalhadores no Ensino Público de Mato Grosso.

CDU: 316.347 (=1:81=013)

Bibliotecária: Cristina S. de Almeida CRB 1/1817

*Homenagem especial
a Vito Giannotti (in memoriam), companheiro
de lutas e resistências da classe trabalhadora.*

*Grande militante e incentivador
para a existência desta presente obra,
e que sempre acreditou ser possível
a produção e a transmissão
de conhecimentos claros e acessíveis,
com qualidade, para nossa classe social.*

“Axé, Motumbá”

O autor

PREFÁCIO

Esta produção bibliográfica representa uma das formas de se “pensar o Negro” no Brasil. Assim, é importante destacar que o Pensamento do Negro Brasileiro existe nas acepções popular, sistematizada e sociopolítica; e que tal Pensamento é caracterizado por ser um Pensamento/Ação, o qual se desdobra em combate, resistência, participação, contribuição, denúncia, contestação. É enfim, um Pensamento Engajado.

Ao longo da história brasileira, essa vertente propositiva, progressista e humanista de pensamento engajado, que situou o negro brasileiro como agente histórico-social e na qualidade de protagonista e coadjuvante da História, resultou na preservação de conhecimentos milenares e na produção de novos saberes - como, por exemplo, a tradição religiosa afrobrasileira, a qual parcialmente simboliza a resistência à dominação cultural-religiosa cristã.

Resultou, ainda, no surgimento de inúmeros ativistas e intelectuais da “causa negra”, e dentre eles, o professor e pesquisador Flavio Nascimento.

Partindo desse pensamento engajado, é que Flavio Nascimento aprimorou nesta obra as explicações sobre o Racismo, demonstrando a “*naturalidade*” de sua operacionalização no cotidiano das pessoas pretas e pardas, por ele ser um racismo culturalista, que se afigura como invisível e silencioso; negado, porém praticado como *branquices, brancuras, branquitudes, branqueamentos e embranquecimentos* do negro. Nesta abordagem, brancos e negros são convidados a refletirem profundamente sobre as causas e consequências da “naturalização” das práticas racistas, “*veladas*” porque “*naturalizadas*”; porém demasiadamente visíveis depois que se aprende a identificá-las.

Nesse sentido, foi também um pensamento engajado acerca da Educação e do Trabalhador o que levou o SINTEP-MT a publicar esse ensaio de pesquisa como um subsídio para a formação dos Profissionais da Educação das escolas públicas estaduais do Estado. De forma simples, criativa e atraente, possibilita aqui não apenas a introdução de um debate mais sofisticado sobre as manifestações entrelaçadas de racismo estrutural e cotidiano, mas também, a apresentação do projeto maior dos negros em sociedade, que se expressa na esperança e perspectiva de uma Segunda Abolição.

Todo esse engajamento sugere que o estudo da questão social do racismo é de suma importância para a compreensão de nós mesmos, brancos e negros; e o que temos, é o convite à reflexão sobre possíveis novos caminhos.

Acompanha este fascículo, um CD da obra ‘**Porque Somos Racistas – o racismo contra o negro afro-brasileiro: uma introdução crítica**’, para ser utilizado no aprofundamento dos estudos.

* **Professora mestre Rosimeire Teles Nunes**
- profissional da Educação e Saúde Pública e membro da diretoria do MNR- Movimento Negro de Rondonópolis-MT.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
-------------------------	-----------

CAPÍTULO 1

QUESTÃO RACIAL E SUAS MANIFESTAÇÕES	19
A Questão Racial na Educação	20
O Negro na Educação Básica e Ensino Superior	22
A Questão Racial na Saúde	24
A Questão Racial na Economia	26
A Questão Racial na Cultura	27
Rejeição da imagem e padrão de beleza do negro	27
Rejeição religiosa	27
A repressão e a folclorização cultural	28

CAPÍTULO 2

NOSSO RACISMO NO COTIDIANO	30
Genocídio de Negros no Brasil	30
O fenômeno dos Rolezinhos	31
A Redução da Maioridade Penal	33
Branqueamento e Racismo no Futebol	34
A Brancura no dia a dia	36
O Embranquecimento do Negro ontem e hoje	41

CAPÍTULO 3

O COMBATE AO RACISMO NO COTIDIANO	44
Negritude	44
Negritude	47

CAPÍTULO 4

RUMO À 2ª ABOLIÇÃO	53
Educação	53
Economia	55
Cultura	55
Saúde	56

CONCLUSÃO	57
------------------------	-----------

APRESENTAÇÃO

Apresentamos um ensaio crítico básico sobre a Questão Racial brasileira. É uma introdução. O objetivo não é apresentar explicações muito acadêmicas e complicadas sobre a origem do racismo e por que ele continua a existir. Nossa intenção é fazer uma apreciação e uma avaliação prática da Questão Racial no Brasil hoje.

Vamos mostrar a existência do racismo em nosso país, como ele se constitui e como achamos que devemos combatê-lo.

O conceito de “negro” aqui usado é bastante amplo: compreende o preto, o pardo e até os brancos de origem negra, majoritariamente pobres. Por esse motivo, o estudo é de grande importância para os trabalhadores.

Ao longo deste caderno, veremos como a discriminação em relação ao negro se manifesta de cinco maneiras diferentes principais.

Elas podem ser resumidas em cinco conceitos, que analisaremos ao longo deste trabalho. São termos que vêm sendo utilizados para mostrar como o racismo pode ocorrer, e ocorre, de diversas formas. Estas palavras-conceitos são:

- 1 Branqueamento;**
- 2 Branquice;**
- 3 Brancura;**
- 4 Branquitude;**
- 5 Embranquecimento do Negro.**

Estas palavras-conceitos são a forma de existência do Racismo (Pensamento e Ação) e constituem o modo de dominação racial no Brasil.

Ao longo do caderno, vamos mostrar vários exemplos.

Cabe ressaltar que as categorias acima elencadas não têm definições estritamente claras e rígidas, pois dificilmente ocorrem isoladamente.

As ações e os pensamentos racistas podem ser explícitos ou não, conscientes ou não. O fato de muitas vezes não aparecer tão claramente

faz com que muitos pensem que o racismo não existe em nosso país, ou então que é insignificante.



O jornalista e um dos diretores do maior canal de televisão do Brasil, **Ali Kamel**, publicou um livro com o título **“Não somos racistas”**. Essa não é uma opinião só dele: reflete uma ideia compartilhada por nossa sociedade e repetida exaustivamente pela rede Globo em seus jornais, rádios, telenovelas e programas de TV. Toda a mídia empresarial, jornais, revistas, televisões e, hoje, a mídia eletrônica repetem essa visão do homem da Globo. É assim, por exemplo, que a ideia de que nosso país está livre de racismo, preconceitos e discriminação, se espalha e se consolida cada vez mais.

Talvez esse racismo, aparentemente sendo “invisível e naturalizado”, se constitua no maior problema social brasileiro e o que mais reduz as possibilidades e capacidades de “nossa gente”.

O político e ativista negro sul-africano **NELSON MANDELA** dizia uma coisa muito interessante a respeito da discriminação racial. Segundo ele, ela não é **NATURAL**. É, sim, aprendida e construída gradativamente como fruto

da educação e da cultura de um povo. Assim como o racismo é “aprendido”, ele também pode ser combatido e superado desde cedo. É necessário que nossas crianças aprendam a não ser mais racistas.

A hipótese principal é, portanto, que:

- ✓ **0 Racismo existe, sim;**
- ✓ **É um resultado histórico-sócio-cultural;**
- ✓ **É visível, se aprendemos a identificá-lo;**
- ✓ **Atinge a maioria da sociedade.**

Este rápido estudo denuncia e esclarece sobre os perigos sociais e os aspectos negativos do racismo.

Ele se baseia em um ensaio escrito pelo professor **FLÁVIO ANTÔNIO DA SILVA NASCIMENTO**. O ensaio se chama *"PEQUENO E INTRODUTÓRIO ENSAIO CRÍTICO ATUAL SOBRE O RACISMO CONTRA O NEGRO AFRO-BRASILEIRO"*. Foi cedido ao SINTEP e procuramos simplificar a linguagem na preparação desse caderno.

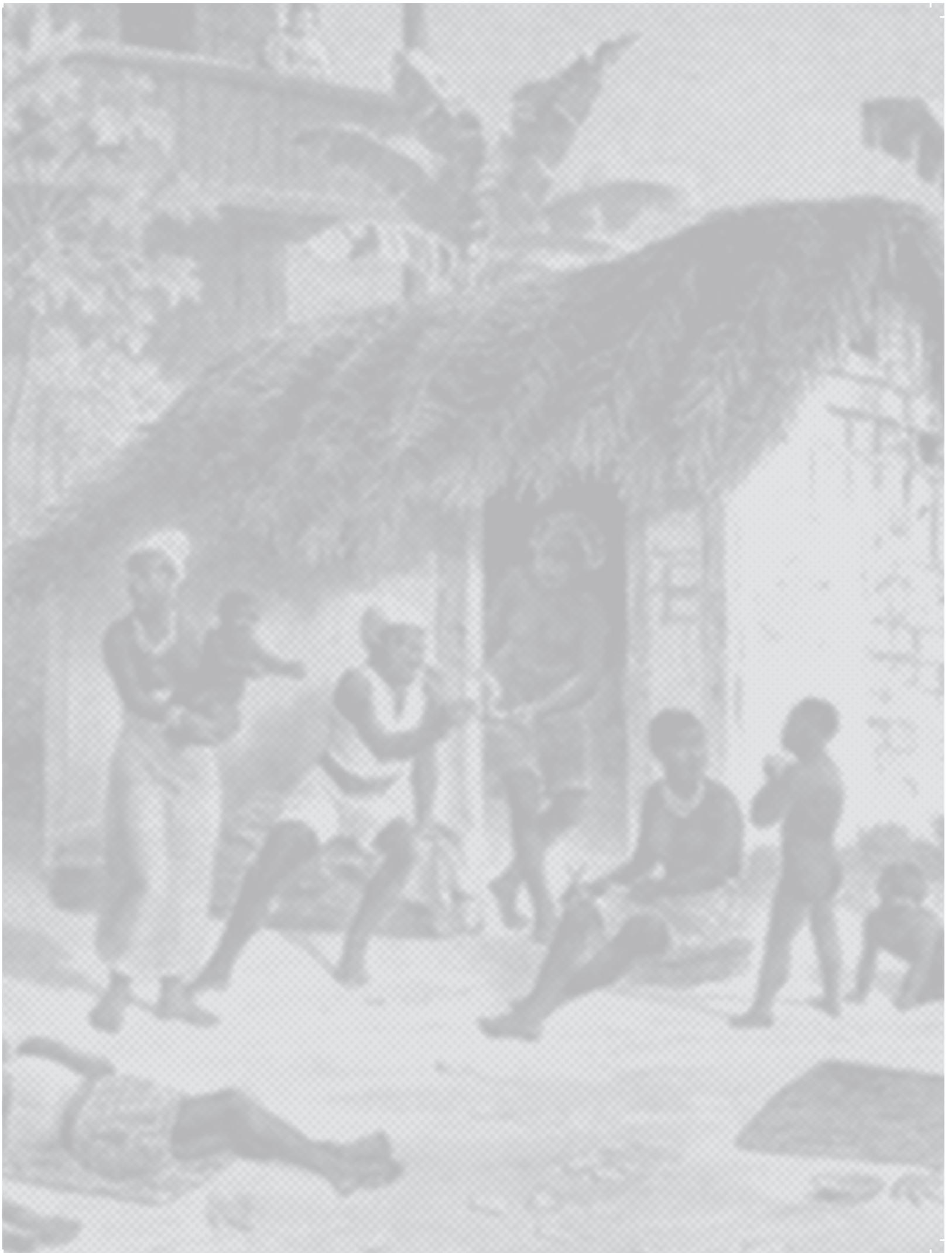
Serão mostrados resultados das ações e pensamentos históricos das cinco principais formas de racismo já mencionadas. Após ver suas tendências e os indícios de continuidade, veremos como construir contrapontos para esta questão, numa tentativa de se amenizar combater e contribuir para superar os efeitos sociais do Racismo.

Nosso objetivo final é apontar possibilidades para uma

2ª Abolição.

A PRIMEIRA NÃO FOI SUFICIENTE.

**PRECISAMOS
DE OUTRA!**



INTRODUÇÃO

Quem é o negro no Brasil?

Embora o Movimento Negro tenha se esforçado para esclarecer bem o que seja um negro, ainda restam várias dúvidas a respeito. Começemos por esclarecer sobre alguns termos que serão usados daqui pra frente.

Uma primeira questão...

Negro é uma raça?

A resposta é SIM e NÃO.

SIM, caso se considere que os negros, brancos e índios são “raças históricas” surgidas no Brasil a partir do século XVI, com a escravidão mercantil. Foi quando o ser humano foi considerado uma “mercadoria” pelos brancos europeus e cristãos ocidentais, baseando-se na cor da pele. Assim, as três “raças históricas” se mantiveram até a Abolição

Oficial no Brasil [1888].

Mas, após a Abolição, as dominações políticas e econômicas e os privilégios continuaram a existir quase que exclusivamente para uma minoria branca.

Então podemos concluir que continuaram a existir as três “raças históricas”: **branca**, **negra** e **indígena**.

NÃO, porque não há “raça” no sentido biopsicológico na espécie humana. O Projeto Genoma Humano comprovou que a espécie humana é igual em 99,7% quanto ao seu genoma. Em termos biopsicológicos, somos todos um só.

As diferenças de cor de pele, dos olhos, tipos

de cabelos, alturas, traços labiais, tipos de narizes, tipos sanguíneos e demais traços externos são insignificantes. Não comprovam inferioridades ou superioridades de ninguém. São apenas distinções de aparências superficiais, que encobrem a mesma essência humana, adaptadas aos distintos ecossistemas do planeta.

Afinando nosso vocabulário

NEGRO, PRETO, PARDO

NEGRO é o nome da cor e da “raça histórica”, explicada anteriormente. **PRETO** costuma ser a designação do negro mais escuro. Além do preto, a cor ainda é composta pelo **PARDO**, ou seja, o negro mais claro, que é *equivocadamente* chamado de mulato, moreninho ou moreno.

Há, ainda, o **CABURÉ** (cafuzo): negro mais escuro, de cabelo liso, resultante do cruzamento do negro com o índio. Logo, “negros” podem ser pretos, pardos e cafuzos.

MESTIÇO

A nosso ver, **no Brasil não existe propriamente o mestiço**. A mestiçagem foi buscada, politicamente falando, por autores como Gilberto Freyre, Silvio Romero, etc. Mas não deu certo. Um mestiço “verdadeiro”, pleno, seria de imediato resultante do cruzamento biológico do negro com o branco, com o índio ou com o amarelo; entre todos, enfim, e suas respectivas culturas.

Não há mestiço no país porque tanto o “mulato” quanto o “moreno”, ou “pardo”, e demais resultantes, são todos tratados socialmente como negros, ou seja, como inferiores, pelos brancos. Os de pele mais clara são até tratados com menos preconceitos, mas isso não quer dizer que eles não existam.

Isto se dá por não existir, de fato, uma ideologia da mestiçagem no Brasil.

Segundo o professor livre docente da Universidade de São Paulo, USP, Kabengele Munanga, a “Teoria da Mestiçagem” foi um artifício da elite branca racista brasileira para separar (e não designar) os negros claros. Estes, se unindo como negros, poderiam se rebelar. Dividi-los entre negros e mestiços foi uma estratégia para separá-los e dominá-los mais facilmente.

No Brasil, o “moreno” é a cor da mestiçagem, que é só biológica e não cultural, como deveria ser uma autêntica miscigenação. Na realidade racial brasileira, o termo moreno é empregado

para agradar o negro claro que prefere não se identificar como negro. Serve para isolar o mulato. Para que este não se sinta negro e se afaste do negro mais escuro [preto] o quanto puder.

AFRO-BRASILEIRO

O **AFRO-BRASILEIRO** é, na maioria das vezes, um negro que, além de portador parcial ou completo da Cultura Negra, assimilou também parte das outras culturas que estão na base da formação do povo brasileiro: a Cultura Indígena

e a Cultura Ocidental branca pobre.

No Brasil é difícil alguém se reconhecer afro-brasileiro, devido à discriminação em relação ao povo africano e aos estereótipos que circulam sobre o continente africano.

A Cultura afro-brasileira é formada por um conjunto de manifestações culturais do Brasil que sofreram algum grau de influência da Cultura africana, desde os tempos em que nosso país era uma colônia até a atualidade. Traços culturais fortes que vieram da África podem ser encontrados na nossa música popular, religiosidade, culinária, folclore e nas festividades populares¹.

¹ Fonte: portal da Cultura Afro-Brasileira: https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_III.php

AFRODESCENDENTE

Já **AFRODESCENDENTE** é, no geral, um termo empregado aos descendentes de africanos com cor mais clara.

RAÇA HISTÓRICA

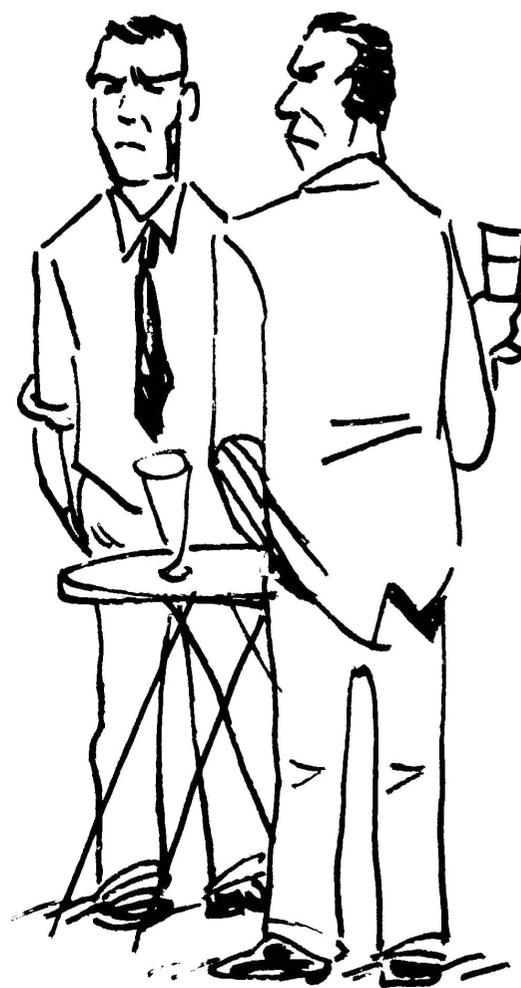
É a criação artificial de diferenças na espécie humana gerando superiorizações e inferiorizações, baseadas na cor da pele e nos distintos traços físicos externos para se obter, a custo disso, micropoderes, poder, prestígio, ganhos e privilégios.

É um conceito que serve muito bem para justificar superexplorações econômicas, dominações políticas, opressões e privilégios para certos grupos. No caso, a classe dominante branca, em detri-

mento de outros tantos: negros, índios e mestiços biológicos, esteriótipos, estigmatizações.

As dominações racistas vêm acompanhadas de várias justificativas cheias de preconceitos.

Um exemplo é a teoria de que os negros são instáveis psicologicamente, ou então que nasceram especificamente para o esporte, a dança, o trabalho manual e pesado, e o sexo. Isso tudo contribui para a inferiorização e a segregação do negro e para a branquice.



RACISMO

NO BRASIL, O RACISMO É MARCADO POR:

- **Superexploração econômica;**
- **Dominação política;**
- **Opressão cultural.**

Isso tudo deixa os negros numa situação de humilhação e inferiorização. É a maioria negra humilhada por parte de uma minoria branca de elite.

Ou seja: a raiz destas distorções na nossa sociedade deriva do Racismo Escrivista; de um sistema baseado na ideia de que existem “raças superiores e inferiores”; mas essa ideia é errática.

É essa a ideologia dominante, hegemônica, que dita seus valores na sociedade, que impede reformas e grandes transformações sociais.

No sentido mais amplo e profundo, é uma mentalidade de longa duração, que se recicla e se amplia, mas que no fundamental pressupõe que as *desigualdades são naturais* entre os homens. É uma

ideia errática que se baseia em supostas verdades absolutas, como a que afirma que **sempre haverá ricos e pobres; capazes e incapazes; que o mundo sempre foi assim e sempre será.**

Isto tudo para justificar a continuidade dos ricos e seus privilégios, e dos pobres e suas servidões. Lembrando-se que os negros são a maioria dos pobres.

INJÚRIA RACIAL X RACISMO

Hoje em dia ouve-se bastante a expressão INJÚRIA RACIAL. É preciso delimitar bem sua compreensão. **Uma coisa é RACISMO, outra INJÚRIA RACIAL.**

A INJÚRIA RACIAL consiste em *ofender a honra de alguém utilizando elementos referentes à raça, cor, etnia, religião, origem.*

Ou seja: há a INJÚRIA RACIAL quando as ofensas ou conteúdo discriminatório são empregados a pessoas determinadas.

Em 2014, um caso que teve grande repercussão foi o do goleiro Aranha, do Santos, chamado de “macaco” por uma torcedora do Grêmio. A ofensa foi dirigida a uma pessoa específica, no caso o goleiro, o que consiste em crime de injúria racial, previsto no artigo

140 do Código Penal. A Lei define como pena a reclusão de 1 a 3 anos e o pagamento de multa “quando a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência”.

Já o **RACISMO** propriamente consiste em discriminação ou ofensas dirigidas a todo um grupo social, devido à raça, cor, etnia, religião ou origem. Por exemplo:

- ✓ Impedir a entrada de negros em um estabelecimento, ou estabelecer elevadores de serviços como acessos exclusivos para negros e pobres em edifícios;
- ✓ Determinar que negros não podem exercer tal emprego ou pagar salários inferiores a eles;
- ✓ Proibir o uso de piscinas ou certos equipamentos a negros, etc.
- ✓ Não ensinar História da África e História das nações indígenas na Escola Básica.

É importante debater o assunto para entender que a injúria racial é a menor parte do racismo, sendo talvez por isso, a parte mais destacada pelas mídias e pelos governos. **O racismo é maior que isto, mais grave e nocivo.**

São os racismos institucionais e sistêmicos que aqui serão prioritariamente analisados. Ou seja, aqueles dirigidos não a alguém isolado e específico, mas sim a todo um grupo, uma classe, uma raça.

O negro pertence a uma determinada CLASSE SOCIAL?

A RESPOSTA É: Sim!

No Brasil, a maioria dos negros são pobres, não possuem nem Capital, nem rendas elevadas, e nem grandes propriedades, sendo, portanto, membros da classe trabalhadora. Há quantos negros donos de grandes empresas, de grandes fazendas, de grandes comércios? Quantos donos de hospital ou de uma universidade? No âmbito econômico (Ianni)², o racismo é a superexploração econômica da força de trabalho, agravando, ainda mais, a subtração da mais-valia. Por isto, o Capital pouco ou nada faz para eliminá-lo.



² "A questão racial". Fonte: <http://www.comciencia.br/reportagens/negros/11.shtml>

Muitas causas explicam a continuidade da hegemonia branca e do Racismo.

VEJAMOS ALGUMAS DELAS:

1 Não se fez nenhuma REFORMA AGRÁRIA verdadeira, ampla, profunda e drástica

Esta é uma das principais causas da situação atual de racismo, preconceitos, discriminação, segregação e tudo mais. Quando veio a tal ABOLIÇÃO da escravidão, muitos escravos foram expulsos das senzalas com todas as consequências. Acabou o emprego que garantia um teto e um prato de mandioca para viver. O escravo foi jogado pelo mundo “sem eira nem beira”. Uns se arranjaram de um jeito ou de outro. Mas, para a maioria, sobrou a calçada, ou o casebre e o barraco das primeiras favelas. Tudo isso se deu em benefício direto ou indi-

reto do latifúndio (Lei de Terras, 1850), e do imigrante europeu, que substituiu, em grande parte, o negro.

Não se fez nenhuma reforma agrária. Os donos dos latifúndios continuaram a fazer suas festas e a mandar na política do País. E os negros? A maioria dos negros de hoje descende de negros e quilombolas que se tornaram posseiros pobres e miseráveis por não receberem a Reforma Agrária verdadeira. É esta a origem de sua pobreza. E não a preguiça e a vagabundagem, como querem fazer crer os racistas e preconceituosos.

2 Não realização da REFORMA AGRÁRIA QUILOMBOLA

E as aldeias dos NEGROS? E as “terras de NEGROS? E os quilombos onde se concentravam

milhares de ex-escravos? Pra que se preocupar com a moradia de quilombolas?

3 Negação de DIREITOS TRABALHISTAS e do SALÁRIO MÍNIMO CONCEITUAL (hoje em torno de R\$ 3.000,00)

E qual era a situação dos trabalhadores no começo do século XX? Aquela que o “diabo gostava”. Nenhuma Lei de proteção ao trabalho, nada de honorário, nada de escola pública, nada de atendimento de saúde. Nada. Hoje, os poucos avanços que os trabalhadores conquistaram com suas lutas estão ameaçados. E os negros, por ocuparem poucos

cargos de chefia e se constituírem em grande parte da classe trabalhadora, mais pobre, são aqueles que mais perdem com tal situação de flexibilização e terceirização. Estima-se que na Era Temer os negros tenham perdido quase 5% da renda (demissões, banco de horas, terceirizações, rebaixamento dos salários, reforma da Previdência Social?

4 Não implementação da ESCOLA MULTICULTURALISTA de tempo integral com distribuição de renda

Até Getúlio Vargas, nada de expressivo de educação para o povo trabalhador, fosse negro ou branco. Quando se aumentou o acesso à educação, quase não houve a preocupação em se inserir na escola aqueles grupos que antes estavam distantes dela. Assim, os conteúdos escolares continuaram a, na maioria das vezes, REPRODUZIR TEORIAS RACISTAS e preconceituosas, com poucos destaques

para os protagonismos dos negros em nossa história. Além do conteúdo, as limitações financeiras são outro motivo para que os mais pobres, na maioria negros, se afastem do ambiente escolar, pois precisam trabalhar desde cedo para auxiliarem a família e até mesmo necessitam se subordinar ao tráfico de drogas. Assim, precisamos que a escola seja multiculturalista e redistribuidora de renda.

5

Não fiscalização do Racismo no Mercado de Trabalho pelo Ministério do Trabalho.

Em relação aos salários, os negros ganham quase sempre menos que os brancos no país. Segundo o IBGE, um trabalhador negro ganhou, em 2013, pouco mais da metade (57,4%) do

rendimento recebido pelo trabalhador branco. Além disso, negros e negras são as principais vítimas de assédios morais e sexuais nos ambientes de trabalho.

6

Manutenção do monopólio dos meios de comunicação pela elite racista que está com saudade da SENZALA e CASA GRANDE

A concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucas famílias faz com que haja pouca diversidade de vozes nos canais de rádio e TV do país. Isto garante toda forma de opressão sobre a coletividade negra.

Programas de TV, como “Zorra Total” e “O

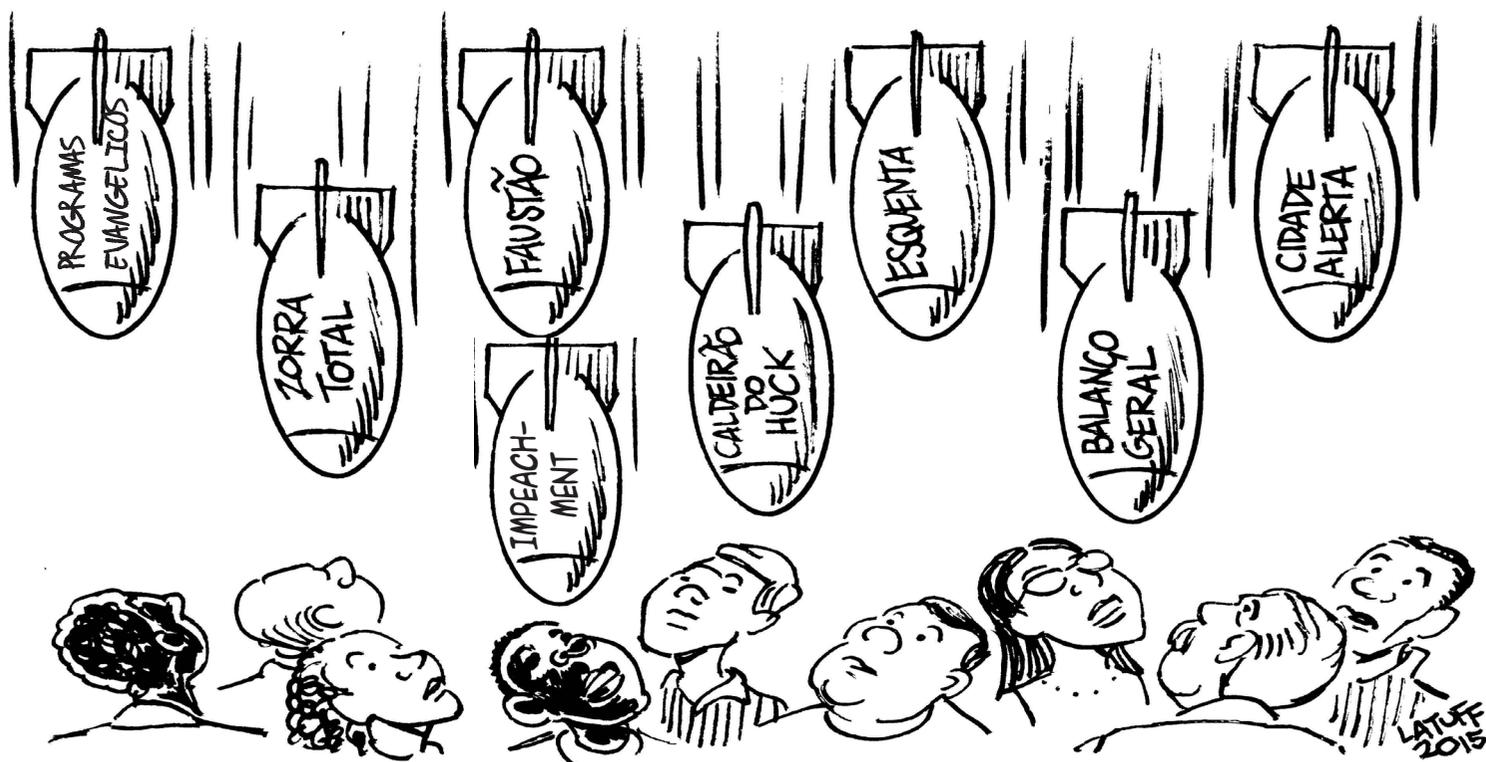
Sexo e as Nega”, da Rede Globo, já foram criticados por discriminação dos negros. Um documentário bastante interessante sobre a exclusão dos negros e seus estereótipos é “A negação do Brasil – O negro na telenovela brasileira”, do diretor e roteirista de TV Joel Zito Araújo.

7

Mais um fator que impede o maior crescimento/desenvolvimento do Brasil é, por motivos óbvios, a Sonegação de Impostos e a evasão de divisas

Em 2014, o valor dessas fraudes aproximava-se de R\$ 500 BILHÕES, ou quase US\$ 166 bilhões (*Revista Caros Amigos, maio de 2015*), o que era muito superior à OPERAÇÃO LAVA JATO. Cabe lem-

país, sendo marca registrada da República brasileira. As TERCEIRIZAÇÕES e QUARTEIRIZAÇÕES, que reduzem significativamente a renda e precarizam o trabalho, apresentam efeitos semelhantes, em-



Questão Racial e suas manifestações

“Até que os leões contem suas histórias,
os contos de caça glorificarão sempre o caçador”.

[Provérbio africano]

Se olharmos com atenção a Questão Racial no Brasil, duas coisas saltarão aos olhos.

- 1 A primeira é que este assunto, em geral, não é discutido e debatido pela população, seja jovens ou adultos; prevalece um pacto do silêncio.
- 2 A segunda é que, quando se entra no assunto, salvo exceções de militantes contra o racismo, o tema é logo cortado. Há mil coisas que passam pela frente. Mil coisas julgadas mais interessantes e importantes.

Mas, hoje, há muitos combatentes da causa da igualdade racial que colocam o problema como sendo um ponto chave da construção de uma sociedade justa, livre e, conseqüentemente, democrática.

Aqui analisaremos, rapidamente, a questão racial

- ✓ na **EDUCAÇÃO**;
- ✓ no **MERCADO DE TRABALHO**;
- ✓ na **SAÚDE**;
- ✓ na **ECONOMIA**;
- ✓ na **CULTURA**;
- ✓ na **RELIGIÃO**.

A QUESTÃO RACIAL envolve o conjunto dos principais problemas sociais, econômicos, políticos e culturais que atingem principalmente os negros no Brasil e que foram gerados e mantidos pelo Branqueamento, Branquice, Brancura, Branquitude e Embranquecimento do Negro.

Tal situação é resultado de séculos de escravidão e depois omissão em relação à situação dos negros por parte do governo brasileiro.

Nosso processo histórico deixou, portanto, à população negra um legado de inferiorizações, humilhações, explorações, dominações e opressões raciais, pobreza e miséria

É claro que, por outro lado, há negros que

lutam e resistem contra tais rebaixamentos. Mesmo assim, será muito difícil combater com total eficácia a inferiorização do negro com a situação atual dos meios de comunicação. Só a título de exemplo, é só ver a ausência, nos canais de televisão, de programas destinados a certas religiões afro-brasileiras, como a Umbanda e o Candomblé.

Também os noticiários nacionais e internacionais pouco destacam, por exemplo, que muitos negros não encontram emprego devido à cor da pele.

Pouco se fala, também, que a população negra é a mais enferma no Brasil, e a que apresenta maiores taxas de mortalidade materno-infantil. E ainda se defende o mito do “negro sarado”.

Além da formação cultural por meio dos meios de comunicação, nossa Escola ainda não se ocupou do combate ao racismo como deveria. Ainda é rara no país a escolarização decente e humanista, voltada **para a ética, o respeito às diferenças e ao multiculturalismo.**

1 A QUESTÃO RACIAL E A EDUCAÇÃO

Um dos problemas da Educação é, certamente, a reprodução e a “naturalização” do preconceito racial. Por exemplo: na maioria das escolas as crenças religiosas afro-brasileiras são deixadas

de lado, enquanto impõe-se como correto exclusivamente o Cristianismo. Este é apenas um de muitos exemplos de valorização da Cultura branca e depreciação da Cultura do negro em sala de aula.

O Racismo deriva, em uma de suas vertentes, do ETNOCENTRISMO. Ou seja, a visão de que certo grupo étnico ou cultural está em posição de superioridade em relação a outros grupos ou culturas.

Como resultado dessa forma de pensamento, juntamente com outras deformações, vem o RACISMO. Este está baseado na crença da superioridade étnico-racial de uma ou mais raças sobre as outras. E daí vem o desrespeito em relação a conquistas de direitos humanos, a omissão e a negação deles.

Um dos equívocos, pouco combatidos pela escola, é o de justificar e “naturalizar” a desigualdade social. Muitas vezes, associa-se, sem o devido questionamento, a posição social à cor da pele e à suposta “feiura” estabelecendo-se, assim, relações arbitrárias de causa e efeito. A Escola deve

tomar para si a obrigação de combater o senso comum. Deve mostrar que o ser humano é resultado de suas condições geo-históricas, objetivas e subjetivas, a cada época histórica, em cada região. Temos, pois, seres humanos distintos socioculturalmente.

Dizem que o Brasil é um paraíso multirracial,

o paraíso das raças. Por isso mesmo, deveria apresentar um sistema de ensino que resgatasse as tradições culturais de pelo menos suas três “raças históricas”: negra, branca e indígena.

O que ocorre, no entanto, é o contrário:

índios e negros são apresentados como etnias “folclorizadas” e submissas ao branco europeu; a escravidão é amenizada dizendo-se que foi suave e até benévola; a pobreza atual é disfarçada e não estudada, parecendo inclusive, como desdobramento parcial da Escravidão de mais de quatro séculos que é “natural” ou fruto da preguiça.

Deveriam ser feitos

os seguintes questionamentos:

- ✓ Como é que os afro-brasileiros se tornaram o que são?
- ✓ Escolheram ser assim? São inferiores?
- ✓ Como é que a maioria da população pode optar por ser empobrecida e inferiorizada? Por que fariam isto? Os negros só deram contribuições braçais e folclóricas ao país?

O **MULTICULTURALISMO** precisa ser uma forma de estudo vigente na Rede de Ensino Nacional. No lugar do Etnocentrismo, a abordagem **PLURICULTURALISTA** é indicada para auxiliar e dar conta da diversidade cultural brasileira.

Veremos, então, vigorar de fato as Leis

10.639/2003 e **11.645/2008**

Até hoje elas estão no papel.

São essas Leis que tornaram obrigatório o estudo de História e Cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensinos fundamental e médio públicos e privados.

O negro na Educação Básica e Ensino Superior

Embora a sorte dos negros tenha melhorado um pouco, graças às ações e pressões do Movimento Negro, eles ainda são os mais inferiorizados. Normalmente são os alunos com a mais baixa e reduzida formação na esfera da Educação Básica. Com os governos do PT, foram implementados instrumentos para acessos dos negros e brancos pobres a Universidades particulares, como o "Universidade para Todos", o **PROUNI**, e o Programa de Financiamento Estudantil, o **FIES**.

Mesmo tendo aumentado consideravelmente a taxa de matrícula de negros no Ensino Superior, ainda assim foi em instituições consideradas, na maioria das vezes, de qualidades inferiores.

As **COTAS RACIAIS E SOCIAIS**, implementadas a partir de 2003, também amenizaram a questão dos acessos reduzidos de negros e brancos pobres à Educação. Entretanto, a maior beneficiada por essa política tem sido a classe média negra parda.

Apresenta-se, aqui, uma grande CONTRADIÇÃO:

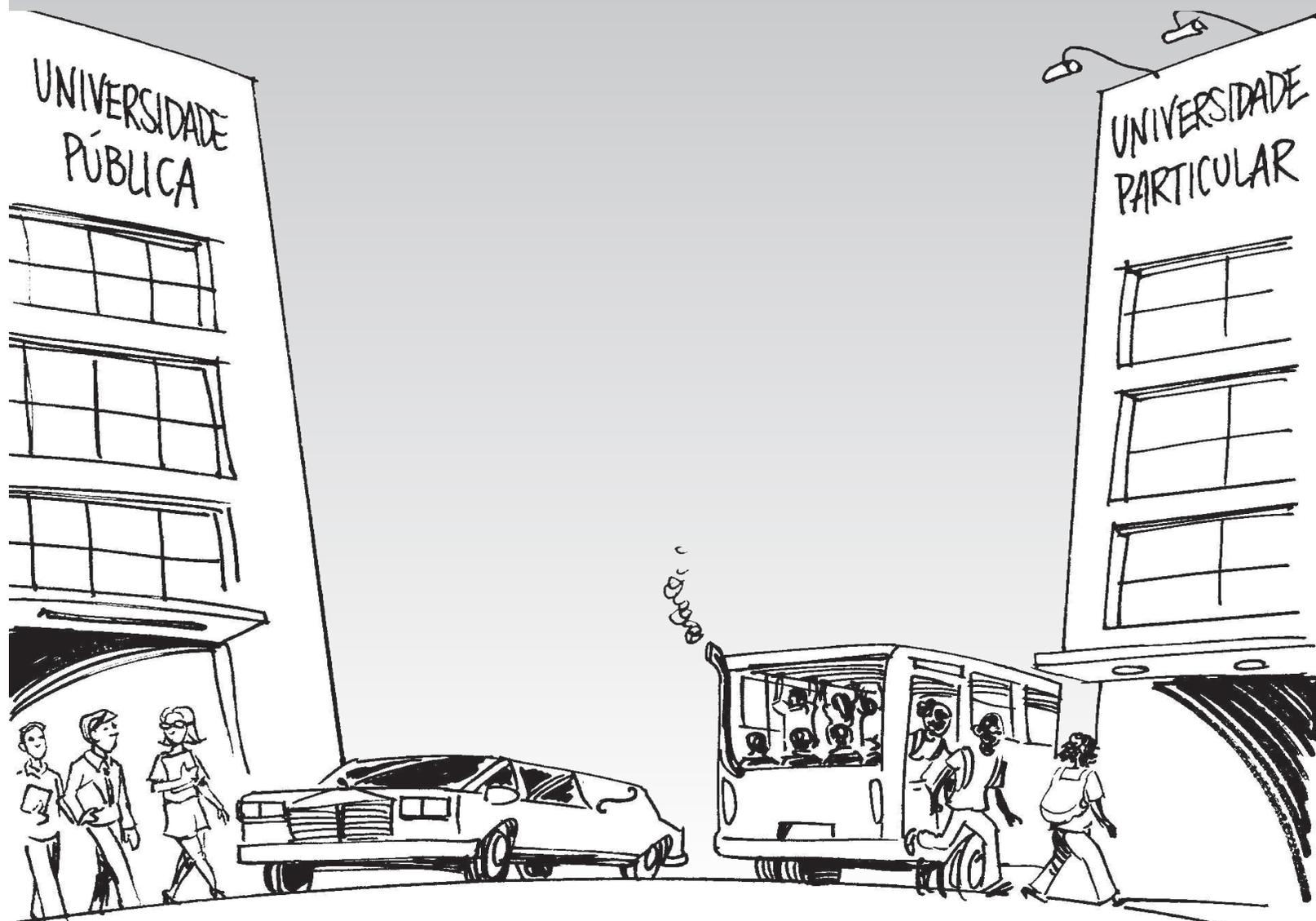
A população branca de classe média e alta, que mais tem recursos socioeconômicos, estuda nas melhores universidades públicas, gratuitamente.

Enquanto isso, a maioria da população negra/pobre não ingressa na Universidade. Quando ingressa, é majoritariamente em instituições particulares, em cursos considerados de baixas

qualidades e pagos.

Quando ingressam nas instituições públicas, na maioria das vezes, é em cursos desvalorizados pelo Mercado de Trabalho. Este é um dos principais desafios a serem superados, assim como as quedas de qualidades em alguns cursos financiados pelo FIES e PROUNI.

Os negros, então, são aqueles que ocuparão profissões menos nobres, perigosas e insalubres, com baixas remunerações. Também são vítimas preferenciais dos assédios morais e sexuais, abusos patronais, com menores salários, descumprimentos da jornada máxima de trabalho e outros desrespeitos.



2 A QUESTÃO RACIAL E A SAÚDE

Na Saúde Pública, o grande transtorno se dá pela precariedade na oferta, atenção básica e prestação dos serviços. Por isso, é claro que a maioria dos negros e brancos pobres, dependentes de tal rede, não alcança a qualidade de vida que normalmente deveria ter.

Depois de 400 anos de escravidão e racismo, os negros não foram indenizados por isso nem receberam reparações. É o que conduz os negros ao patamar de

menor perspectiva de vida, além de viver em péssimas condições e, especificamente, em condições de saúde particularmente precárias.



0 caso do IDH

Uma das principais evidências de que as coisas são deste jeito é a existência de praticamente dois Índices de Desenvolvimento Humano [IDH] no Brasil.

- ✓ Um índice é referente à população branca que é mais elavado.
- ✓ Outro índice é referente à população negra, que é mais rebaixada.



A violência contra a mulher

Segundo um levantamento feito pela Articulação de Mulheres Negras Brasileiras, os homicídios estão entre as principais causas de mortes de mu-

lheres no Brasil. E as brancas e negras são atingidas em proporções diferentes, situação que ilustra a desigualdade racial em nosso país.



As mulheres negras apresentam o DOBRO de casos de homicídios quando comparadas às brancas.



A violência contra a juventude negra

A violência contra o negro é particularmente chocante quando se analisam os dados sobre a violência contra a juventude. Aqui assistimos à maior matança de jovens e adolescentes negros, feita por

grupos de extermínios privados ou pela violência policial, isto é, pelas forças repressivas oficiais do Estado. Sendo que alguns dos executores provêm ou prestaram serviços na Ditadura Militar.

Luiz Morier



3 A QUESTÃO RACIAL NA ECONOMIA

Os negros pertencem à classe social mais baixa por uma razão histórica. Escravizados por quase quatro séculos, depois de terem obtido sua libertação, não lhes foram oferecidas nenhuma redistribuição de renda, oportunidades de inclusões na sociedade, ou até mesmo indenizações por tantos anos de superexploração. Assim, ficou impossível obter cidadania plena e conquistar os mesmos direitos que os brancos da Casa Grande.

O negro foi atirado à sua própria sorte, sem condições e recursos para ascender e se integrar socialmente. Sem nenhuma possibilidade de acesso à escolarização formal e profissional técnica que quase não havia para os demais. Trocou os grilhões antigos por novos: o da **servidão**, **dominação**, **exploração**. Foi compor, em grande parte, o Exército Industrial de Reserva.

É claro que, como em toda regra, há sempre exceções. Os negros que conseguiram subverter o caminho da dominação não escaparam, por outro lado, de várias outras formas de racismo. Esse grupo não é bastante expressivo. Na avaliação da Questão Racial, o que conta é a

condição da enorme maioria negra que se encontra na pobreza e na miséria. Possui salários mais baixos, exerce profissões mais perigosas, insalubres e baratas, inferiores e sem prestígios, como já dissemos, o que se apresenta como uma consequência do racismo escolar, parcialmente.

Se não houver medidas efetivas para resolver essa situação, a tendência da pobreza e da miséria é, em geral, reproduzir-se. E o negro tornou-se, nessa situação, elemento majoritário do Exército Industrial de Reserva. Ou seja, mão de obra barata que aceita qualquer “mixaria” que o patrão ofereça. Assim, os negros tornaram-se o grupo com menores salários e piores condições de trabalho, situação essa que se reproduz e expande.

4 A QUESTÃO RACIAL NA CULTURA

Não é segredo que os negros normalmente são impedidos de exercerem ou exporem livremente seus comportamentos, crenças, conhecimentos e costumes em relação aos demais grupos raciais e

étnicos. Quando os negros procuram se expressar, normalmente são criticados, discriminados e até reprimidos.

Vejam os:

4A A Rejeição da Imagem e Padrão de Beleza do Negro

Os negros normalmente aparecem como feios e, muitas vezes, associados ao malévolo. **Suas belezas só são reconhecidas quando eles possuem e/ou adotam traços físicos tipicamente brancos**, como narizes e bocas finos, alisamentos e alongamentos dos cabelos, clareamentos parciais de peles, etc.

É interessante ressaltar o fato de que os negros, em geral, encontram muita dificuldade para defender seus padrões de imagem. Quando acontece, muitas vezes, **a beleza da mulher negra está associada a um estereótipo de objeto sexual.**

Um dos fatores que geram essa situação é o **monopólio dos meios de comunicação em nosso país, concentrados nas mãos da elite cultural branca e racista.** Logo, os padrões de beleza ostentados e defendidos majoritariamente são os que se identificam com os padrões desta elite, pois estes são os mais difundidos.

A rejeição do padrão de beleza do negro, a sua “suposta feiura” e a conseqüente “naturalização” de uma beleza do branco não são questões meramente estéticas. Pelo contrário: elas criam poderes, prestígios e benefícios para o branco em prejuízo do negro.

O que está sendo afirmado é que há uma produção ideológica nos termos da “Branquice”. Há uma indústria da beleza que não apenas rebaixa o padrão de beleza feminino e masculino negro, como auxilia a produção de sua autorrejeição.

4B Rejeição Religiosa

São históricos, em nosso país, a des- caracterização geral e o preconceito em relação às religiões de matriz africana. Ao menos até os anos 1970, havia repressões

policiais diretas às manifestações religiosas negras e aos ensaios das escolas de samba que eram realizados nas ruas, geralmente à noite, nos finais de semana.

Desta época sobrou, entre outros, o uso pejorativo do termo “macumba”. Até hoje, a maioria das pessoas usa a palavra em referência a algo “maléfico”, o que remonta aos preconceitos contra a Umbanda e o Candomblé.

O monopólio dos meios de comunicação é um dos responsáveis por tais concepções. Na rede aberta de televisão, grupos religiosos de origem cristã disputam certo “mercado da fé”. Criticam,

de forma clara e direta, as religiões afro-brasileiras ou seus cultos. Chegam a chamar inclusive seus “rituais” de “diabólicos”. E isto, infelizmente, se repete em muitas salas de aula.

4C Repressão e a folclorização cultural

Além dos padrões de beleza e religiosos, as produções culturais dos negros também são majoritariamente consideradas inferiores. Essas opiniões

circulam nos meios de comunicação e são proferidas por críticos de arte e intelectuais que têm grande espaço em jornais, TVs e revistas.

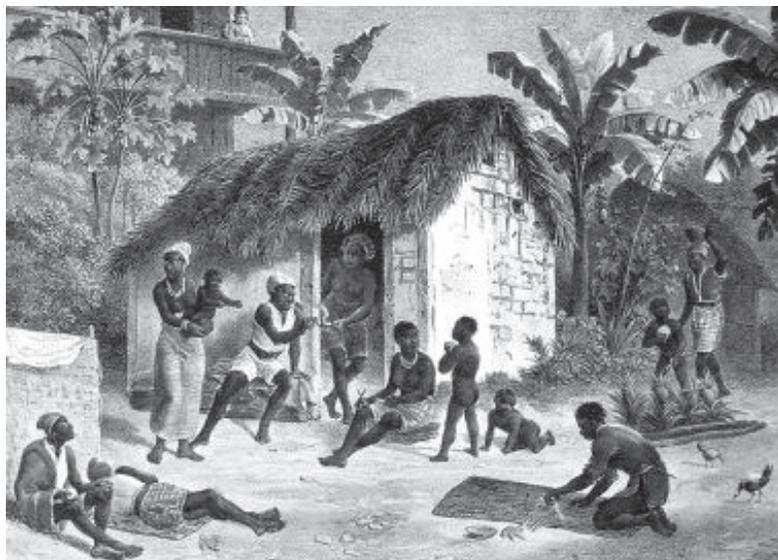
Por exemplo: o SAMBA e, principalmente, o PAGODE e o FUNK não são vistos como manifestações artísticas de qualidade – ao contrário da música clássica europeia, para citar um exemplo.

Outras manifestações culturais dos negros também passam por depreciações, mas de outras maneiras. Esse é o caso, por exemplo, da **MITOLOGIA AFRICANA**. Apesar de ter semelhanças formais e até mesmo relações com a Mitologia Grega, sequer é mencionada na Educação Básica.

Outro aspecto a ser ressaltado é o esquecimento da participação ativa dos negros na nossa História e sua devida valorização. Quando

aparecem, como no caso de séculos de escravidão, normalmente são mostrados de forma passiva e vitimizadora.

Pouco se destaca, por exemplo, o fenômeno dos **Quilombos**.



A chamada quilombagem foi um movimento de resistência e rebeldia contra a escravidão que se deu por quase 400 anos.



Além de Zumbi dos Palmares, um dos principais nomes da luta antirracista é o de Luís Gama, que chegou a libertar quase 500 escravos, junto aos tribunais.



Outro episódio com pouco destaque é o da Revolta da Chibata, que teve como liderança o negro João Cândido.



Esses foram apenas alguns exemplos dos impactos do racismo na Cultura brasileira, gerando preconceito, desconhecimento e baixa autoestima. Agora veremos algumas tendências e indícios de continuidade do racismo no cotidiano.

2

Nosso Racismo no Cotidiano

“Nunca esqueçam as lições aprendidas na dor”

[Provérbio africano]

Vamos analisar algumas das muitas manifestações, umas encobertas, outras escancaradas, que mostram a permanência do racismo no nosso dia a dia.

A GENOCÍDIO DE NEGROS NO BRASIL

Em 2013, foi formada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para tratar do *Mapa da Violência: Homicídios e Juventude no Brasil*. O estudo está cheio de dados, um mais chocante do que outro. Vejamos alguns dos mais estarrecedores:

- 1 Dos 467,7 mil homicídios contabilizados entre 2002 e 2010, exatamente 307,6 mil, ou seja, cerca de **70% dos assassinatos foram de negros**.
- 2 Os homicídios são hoje a principal causa de morte de jovens de 15 a 24 anos no Brasil. Segundo o Ministério da Saúde, **71% dos mortos são jovens negros (pretos e pardos)**.

- 3 Oito em cada dez jovens mortos são afrodescendentes.
- 4 Em relação às vítimas de arma de fogo, o índice de negros é 133% maior do que o de brancos.
- 5 No Brasil, ainda vigora a prática de “culpabilização” da vítima, o que incentiva a tolerância à violência contra grupos mais vulneráveis. Com essa tradição, muitos jovens negros não têm incentivos para exigir do Estado medidas para acabar com tal prática.

As constatações acima nos fazem concluir que existe, no Brasil, um “Branqueamento Oficial”.
Ou seja: o Estado brasileiro há muito tempo convive com este genocídio. E, de certa maneira, é responsável por ele. Isso porque seu braço armado, a Polícia, é culpada por parte do altíssimo número de homicídios de negros no país.

Preocupada com tal fato, a Anistia Internacional organizou a campanha **Jovem Negro Vivo**. Ela pode ser conferida no site <https://anistia.org.br/campanhas/jovemnegrovivo/>

B O FENÔMENO DOS ROLEZINHOS

A partir do segundo semestre de 2013 começou um movimento de jovens que ficou conhecido no país inteiro. Foi um movimento de jovens, em sua maioria negros e moradores da periferia das grandes cidades, que decidiram marcar en-

contros em “shoppings” com o intuito de zoar e se divertir e se auto firmar. O fato despertou comentários conservadores e preconceituosos, além de ações desmedidas por parte da polícia.

A mídia se apressou para divulgar e condenar logo de cara esta manifestação de “filhos da senzala”.

O diretor executivo da Anistia Internacional no Brasil, Átila Roque, na ocasião chamou de “discriminação” e “racismo envergonhado” a ação dos poli-

ciais nos shoppings contra os rolezinhos.

Na ocasião, o comportamento dos policiais teve a ver com o público com o qual estavam lidando: jovens, negros e pobres.

Em entrevista a Rodrigo Rodrigues, Átila Roque explicou:

O que em geral se aceita é que para o negro jovem e pobre frequentar um shopping de luxo, ele tem que estar ou com o uniforme de segurança ou de babá. Se ele não está vestido assim, está fora do “seu lugar”. Não foi constatado nenhum ato de violência ou vandalismo por parte da maioria desses jovens. O que se tem até agora são jovens rindo, brincando, às vezes falando alto, coisa que é próprio dos jovens de qualquer classe social. Na sociedade racista na qual vivemos, é natural que eles sejam acompanhados por seguranças para evitar que haja qualquer bagunça. Mas, daí a querer cercear de forma agressiva, bloqueando a passagem com ajuda da polícia e a presença ostensiva do Choque, é uma forma clara de discriminação. Era a Branquice se contrapondo.

O exemplo dos rolezinhos mostrou o **racismo presente tanto na ação da polícia quanto de empresários**, que procuraram impedir a entrada dos jovens, e da própria sociedade brasileira, principalmente a elite paulistana. O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, procurou, por outro lado, estabelecer um diálogo com os jovens. Para isso, acionou as Secretarias Municipais da Cultura e da Igualdade Racial.

Depois de reuniões com a Prefeitura, os jovens concordaram em fazer os rolezinhos em locais abertos, como parques.

Por outro lado, parcela dos próprios responsáveis pelos shoppings reavaliaram suas decisões de repressão e intimidação da juventude negra. Resolveram se apropriar e enxergar, como consumidores em potencial, os protagonistas do rolezinho.

Não foram pensadas medidas de combate ao racismo, mas sim uma maquiagem do problema. É o que mostra a seguinte matéria:

Na avaliação de Wanderley Preite Sobrinho fica clara a prática de racismo facilmente aceita pela sociedade:

Antes evitados em alguns shoppings e até expulsos a tiros de borracha e outros, os jovens das classes C, D e E adeptos dos rolezinhos agora são o público alvo dos empresários do setor, representados pela Associação Brasileira de Lojistas de Shopping (Alshop), que planeja um 'grande evento cultural' na capital paulista para valorizar um público estimado em 30 milhões de consumidores em todo o Brasil.

C A REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL

Já faz quase uma década que circula pelo Senado uma proposta de Emenda Constitucional que defende a redução da Maioridade Penal. Segundo ela, "responderiam criminalmente como adultos adolescentes acusados de praticar delitos inafiançáveis, como crimes hediondos, tráfico de drogas,

tortura e terrorismo". Esta proposta voltou a ser debatida recentemente. Ela tem forte apoio da classe média e dos meios de comunicação. Todos os programas policiais, dos vários Estados, são um hino ao aumento da repressão, com o refrão de louvores à pena de morte.



Essa medida provavelmente servirá basicamente para aumentar o encarceramento, as punições e o preconceito em relação a menores, pobres e negros. Não se pode esquecer nisso os interesses da exploração dos trabalhos dos presos para o Capital. A construção de mais presídios e a criação de empresas de policiais particulares também são de interesses do Capital. Isso poderá aumentar a violência, e não o direito dos presos.

D BRANQUEAMENTO E RACISMO NO FUTEBOL

No futebol também se manifestam o racismo e o Embranquecimento, seja em relação aos jogadores, seja do público que frequenta os estádios. Pode-se somar, ainda, o Branqueamento da função de técnico.

Em 2013, 90% dos técnicos eram brancos, 5% negros e 5% mestiços nos 20 clubes de futebol que estiveram na série A do Campeonato Brasileiro.

É possível ainda notar o crescimento e a ampliação do Branqueamento e do Em-

branqueamento no Futebol ao se considerar os avanços do racismo nos campos e nas manifestações das torcidas. Foram vários casos importantes, e um que tomou imensa repercussão, aqui já citado, foi o do goleiro Aranha, do Santos, alvo de injúria racial.

Jogadores negros brasileiros também são alvos de preconceitos no exterior. Destaca-se o caso de Tinga, no Peru, e de Daniel Alves, na Espanha.

Vamos lembrar ?

Bem no início de 2014, em uma partida da Libertadores, o volante Tinga, do Cruzeiro, foi vítima de racismo. Os torcedores do Real Garcilaso, time peruano, **imitavam macacos toda vez que o jogador brasileiro pegava na bola**. Na ocasião, ele repudiou o episódio e disse que trocava os títulos conquistados por **“um mundo sem preconceito e igual para todas as raças e classes”**.

Poucos meses depois, foi a vez de Daniel Alves ser vítima de racismo na Espanha. Em uma partida do Barcelona contra o Villarreal, **a torcida atirou ao campo uma banana no momento em que o brasileiro ia cobrar escanteio**. Sem pensar duas vezes, ele descascou e comeu antes do chute.

Entre os brasileiros está crescendo a tendência cotidiana de expansão do racismo no Futebol.

Apesar das punições ao racismo dos torcedores, não parece que o destaque para negros como técnicos de Futebol esteja crescendo. Outro aspecto importante a ser citado é a diminuição do índice de negros nas torcidas que frequentam os estádios profissionais de futebol. A elevação do preço dos ingressos parece estar na origem da intenção de retirar os pobres do estádio e garantir mais espaço para a classe média.

FUTEBOL: um esporte caro de assistir.

Será que estamos retomando a discriminação camuflada do início do século, com os ingressos a preços cada vez mais impraticáveis para pobres e pretos? Estaríamos elitizando, mais uma vez, a participação popular no esporte das multidões?

Cadê os campinhos de várzea?

Outro fator que colaborou para o Embranquecimento no futebol tem a ver com o crescimento das metrópoles. Em São Paulo, por exemplo, as obras públicas se expandiram até as várzeas, espaços antes disponíveis para o futebol amador e a prática dos pobres. As escolinhas de futebol, que surgiram depois, não podiam ser pagas por muitos garotos de classe baixa. Essa mudança também gerou, a longo prazo, uma diminuição do número de negros no futebol brasileiro e também a diminuição de craques.



Exemplos da “Branquice” no dia a dia

Pode-se dizer que **Branquice** é a depreciação maior do negro que conduz à sua inferiorização e desaprovação geral, por vezes manifestada com

violências simbólicas ou reais. Assim, listaremos uma série de exemplos dessa categoria no dia a dia, para mostrar a diversidade de casos.

1 O caso de KIM

“**Kim(...)**processa funcionária de banco e recebe R\$ 6 mil por ter sido discriminado durante o atendimento no caixa. Apesar da reparação em dinheiro, vítima de 23 anos defende a prisão dos acusados de crimes de racismo e de injúria racial’. (...) Ele foi a uma agência bancária acompanhado de um colega de cor branca a fim de depositar cerca de R\$ 50 mil. O dinheiro era proveniente de um

bazar que a ONG onde trabalha havia feito para arrecadar fundos. Ao chegar ao caixa, a servidora perguntou sobre o valor do depósito. Como o contador não sabia com exatidão, ela ficou desconfiada. ‘Chegou a perguntar se eu era retardado’, recorda. O mais revoltante, segundo Kim, aconteceu quando a atendente pediu para falar com o colega — ela acreditava que ele seria o ‘patrão’ do contador”.

2 Walmart xinga de “negro Ladrão”

“(...) a rede de supermercados Walmart foi condenada a pagar uma indenização de R\$ 20 mil por danos morais a um cliente acusado de furto e tratado de forma discrimi-

natória em Carapicuíba, São Paulo. **Os funcionários da segurança do estabelecimento teriam chamado o cliente de ‘negro ladrão (...)**”

3 Racismo até com cabo da PM

“**O cabo da Polícia Militar (...)** que é negro diz que foi obrigado a se despir em um supermercado de Vitória, Espírito Santo,

para provar que não tinha roubado nada. ‘É uma situação difícil. Eu queria morrer a passar por uma situação dessa’, desabafa (...)”

4) Justiça de jovens negros

“A Folha de São Paulo informou que os linchamentos se espalharam em todo o país. Violência que tem sido documentada por vídeos que circulam nas redes sociais. De acordo com o jornal, só na segunda e terça-feira, houve agressões a criminosos em Goiânia, Piauí e em

Santa Catarina. (...)”

Tal caso dos “justiceiros” é também uma prática recente de racismo, pois **os homicídios praticados por grupos de extermínios têm negros como suas principais vítimas.** Também, neste caso, os negros são o principal alvo dos justiça populares.

5) Globo no BBB dá aula

Um caso veiculado pelas redes sociais é o da ex-BBB Franciele. Numa conversa com o rapper e amigo de confinamento Valter, Franciele disse: “Tenho tudo de uma ‘negona’.

Tenho o samba e até o cheiro. Me deixa sem desodorante para você ver”. E ela continua: “Se eu não usar desodorante, fico com cheiro de ‘nequinha”.

Discriminação no Mercado de Trabalho

Esta é uma das discriminações mais frequentes. Ela atinge milhares de trabalhadores. Todos os dias. Na maior metrópole brasileira percebemos as maiores disparidades de salários.



São Paulo é a região metropolitana com maiores desigualdades entre os rendimentos médios por hora de homens e mulheres negros comparados com o de não negros. A mulher negra chega a ganhar 47,8% do rendimento do homem não negro por hora.



“São Paulo é a região metropolitana que paga menos a trabalhadores negros”. Até o jornal da elite paulistana *O Estado de S. Paulo* é forçado a reconhecer esta realidade. [19/11/12].

Os negros então são aqueles que ocuparam e ocupam profissões menos nobres. Profissões perigosas, desprestigiadas e insalubres, com baixas remunerações. Também são vítimas preferenciais dos assédios morais e sexuais e de todo tipo de abusos patronais: menores salários, descumprimento da jornada máxima de trabalho e outros desrespeitos. Com as reformas da Era Temer, tudo isso poderá piorar para a maioria dos negros.

Crescimento da Injúria Racial e do Racismo

Há inúmeros fatos que mostram que é grande o crescimento do fenômeno racista. Só a título de exemplo, o número de ocorrências policiais por injúria racial e racismo no Distrito Federal cresceu 40% em 2013, em comparação ao ano anterior.

Mas o estereótipo mais comum na descaracterização do negro é associar sua raça à sua suposta “feiura”.

Essa ideia é reforçada diariamente pelos padrões de belezas veiculados e reforçados pelos meios de comunicação. E mais, esse preconceito de “feiura” vem associado à ideia de sujeira e, por extensão, ao “mau cheiro”, vinculados à cor negra, levando a que pretos e pardos tomem “banhos de perfume”.

Negros não podem ser médicos?

Aqui a experiência pessoal de cada um é trágica.

Quantos médicos negros conhecemos?

Quantos há na sua cidade?

E quantos há matriculados na sua faculdade em qualquer especialização de medicina?

O número é baixíssimo, se não é nulo, não é verdade?

Qual a razão? Há alguma Lei que proíbe negro de ser médico?



Não!

e... médicos cubanos?

Um fato que ocorreu no ano de 2013 teve bastante repercussão no país. Foi uma forma de racismo tão escancarada que chegou a ser surpreendente para os brasileiros. Trata-se da chegada de médicos cubanos ao Brasil, boa parte deles negros, para participar de um convênio em Saúde Pública com o Governo Federal. Houve uma mobilização de toda a mídia empresarial contra esta medida. Uniram-se duas vertentes de inimigos destes Médicos cubanos.

Uma foi a tradição de manter o Brasil como um dos mais injustos do mundo, com milhares de brasileiros vivendo como na senzala. Sem médicos, sem dentista, sem hospital. A outra foi o tradicional ódio a tudo o que lembra socialismo, justiça social e consequentemente a Cuba socialista.

O desfecho desta batalha veio só com muita pressão e agitação em torno do programa *Mais Médicos*, que tornou possível a ida de médicos a lugares do interior em que tais profissionais estão



em falta. Houve o caso extremo de uma jornalista que chegou ao cúmulo de externar todo o seu preconceito. Os jornais registraram a fala dela:

“Me perdoem se for preconceito, mas essas médicas cubanas têm uma cara de empregada doméstica. Será que são médicas mesmo???”

Poucas vezes, o discurso conservador apareceu de forma tão clara como na citação apresentada acima. A BRANQUITUDE aparece, neste caso, na forma de indiferença e neutralidade acerca do sofrimento popular, e a BRANQUICE através da ridicularização e do preconceito.

Tais fatos revelam a solidez dos indícios e tendências de continuidades do racismo, abatendo-se, até mesmo, sobre profissionais cubanos, que estão no Brasil para auxiliarem no tratamento da saúde do povo brasileiro.

Criminalização dos ritmos musicais populares

Já é conhecida a associação que se procura fazer entre alguns ritmos musicais populares e de “gente pobre” com a contravenção e o crime. Vimos essa atitude com a tentativa de se alinhar mecanicamente o **FUNK** com o tráfico de drogas, prostituição, etc. Mesmo com a expan-

são e a diversificação do “Funk”, ainda é possível ver tentativas de se estabelecer automaticamente essa relação.

Paula Libence, em seu livro *Infância, música e pobreza: sua criminalização e alguns aspectos correlatos*, fala sobre mais este preconceito contra os negros. Vejamos:

“Afirmar que uma criança que dança *funk* está mais propensa a um futuro indigno é de uma violência tão brutal quanto afirmar que é também por causa do *funk* que essa geração de jovens está toda perdida. Como educadora que sou, devo afirmar em alto e bom som que gostar de *funk* ou de pagode não faz ninguém mais ou menos delinquente ou irresponsável que outra.”



Até aqui, elencamos algumas formas de racismo que se manifestam na forma de **BRANQUICE**. Agora veremos exemplos que se encaixam na categoria de **BRANQUITUDE**.

PARA A BRANQUITUDE: não há problema em ser negro

A Branquitude é a atitude de indiferença, de pouco caso, do branco frente a uma situação clara, ou disfarçada, de racismo. É, também, minimizar o prejuízo que a discriminação racial acarreta ao negro.

Essa atitude pode chegar ao deboche ou à acusação de que os negros, na defesa de seus direitos, são “exagerados”, ou seja, veem racismo em tudo. Também está na base do pensamento de quem responsabiliza o negro por sua situação

desfavorável, chamando-o de “incapaz”, “incompetente” e com “complexo de senzala”.

A Branquitude ainda estabelece que é o negro o responsável exclusivo pela situação do racismo que enfrenta.

Mostraremos, agora, algumas ocorrências dessa forma de Branquitude. Uma das mais fortes é a **MERITOCRACIA**.

Meritocracia

Segundo o *Dicionário Houaiss* da Língua Portuguesa, meritocracia significa “sistema de recompensa e/ou promoção fundamentado no mérito”. Mas o Brasil apresenta diversas injustiças, dentre elas o racismo, o que gera diversas mazelas sociais. É por essa razão que o conceito de “mérito” deve ser questionado. É como se negros e pobres fossem

os “responsáveis” por sua exclusão das universidades. É exatamente o oposto: são vítimas de um sistema que privilegia apenas aqueles que podem pagar por uma educação básica de qualidade.

Brancos encontram-se em melhor situação sociocênômica não por serem superiores, mas sim por privilégios históricos. Onde está o mérito disso?

A ideia da “meritocracia” é, portanto, uma evidência do racismo em nossa sociedade na forma de **Branquitude**. Percebe-se essa situação, por exemplo, nas universidades estaduais brasileiras, que se recusam a conceder cotas raciais, a exemplo do que ocorre nas instituições federais.

O Embranquecimento do negro ontem e hoje

As pressões, sofrimentos, explorações, dominações e constrangimentos, produzidos no negro pelas diferentes formas de racismo, geram o desejo do negro de se igualar ao branco grosseiramente e de imediato. Nós chamamos isso de Embranquecimento do Negro.

Embranquecer significa tornar-se branco, clarear. Nesse estudo, interessa pensar o “Embranquecimento” não apenas em seu aspecto “físico”, como o da cor da pele, mas também e principalmente uma ação no nível cultural, das ideias. Tem a ver com a mudança de comportamento e de atitude. É quando uma parcela de negros deseja deixar de ser o que é para ficar o mais próximo do branco

possível. E, desta forma, evitar ou reduzir o sofrimento e a humilhação causados pelo Racismo, como um todo. O negro na busca pelo Embranquecimento, foge a uma imagem terrível produzida pelo racismo do “outro” (ele mesmo) de que o negro causa-lhe raiva, nojo ou medo, de imediato, como parece transparecer à Branquice, à primeira vista. Fogem da projeção do Branco sobre ele.

O homem negro veio da África para o Brasil escravizado, e para cá trouxe sua **CULTURA**, sua **CULINÁRIA**, sua **LÍNGUA** e sua **RELIGIÃO**. Lutou por sua liberdade, foi perseguido e oprimido, mas conseguiu vencer e escapar do desaparecimento e da mestiçagem compulsória. Contrariou, assim, o projeto da elite branca. Conservou-se afro-brasileiro por se ter relacionado com os índios e brancos pobres, sem perder sua força cultural africana.

Portanto, o negro que embranqueceu e embranquece contrapõe-se, em algum nível, à afro-brasilidade. Mas não age assim porque tenha um amplo e consciente projeto de adesão à Cultura da elite branca brasileira.

Podemos ver essa tendência como uma forma de ser aceito e de sobrevivência à opressão racial. É uma tentativa de fugir da sofredora imagem social do que é ser um "negro" no Brasil.

Com o advento do Neoliberalismo, o fenômeno do Embranquecimento continuou a ocorrer. Ao negro cabe, principalmente, o desemprego e o subemprego.

Todas essas condições levam à desvalorização da imagem do negro e à busca pelos padrões estéticos brancos. Alguns exemplos são alisamentos de cabelos através do uso de produtos químicos; tratamentos para branqueamento da pele; cirurgias para intervenções estéticas... Tudo para se aproximar do que é visto como "bonito" e "ideal", e para tentar amenizar o preconceito.



Além do Embranquecimento físico, há o ideológico também, que gera um longo processo de autonegação e depreciação de um negro por alguém da mesma cor. Há aqueles que cedem logo à tentação do Embranquecimento, e aqueles que preci-

sam ceder a ela por uma questão de sobrevivência. Um caso bastante ilustrativo é o de mulheres de Rondonópolis, Mato Grosso, que trabalhavam em um shopping e foram obrigadas a alisar o cabelo para não serem demitidas.

A abordagem do policial negro em relação a outro negro é uma das importantes situações em que transparecem os aspectos do EMBRANQUECIMENTO.

O policial negro, muitas vezes, trata o outro negro igualzinho ao que faria um policial branco racista.

Outra manifestação deste “Embranquecimento” é a forma como são tratadas, na televisão, as mulheres negras candidatas à GLOBELEZA.

A blogueira Mariana Assis, na publicação BLOGUEIRAS NEGRAS, assim nos descreve o clima destes eventos:

**Há muito tempo
uma imagem não choca
e magoa tanto quanto essa das candidatas
à mulata Globeleza. Mil questões polêmicas e dolorosas
vêm à tona diante de uma cena tão agressiva e violenta.
A primeira delas tem a ver com o nosso lugar nas grandes mídias
e a construção de nossa autoestima. A luta pela visibilidade
negra é totalmente legítima e urgente,
porém precisamos nos questionar:
que lugar queremos ocupar?**

3

O combate ao racismo no cotidiano

“As lágrimas que descem pelo seu rosto não tiram sua visão”
“Não importa (tanto) o que fizeram com você,
mas sim o que você faz com o que fizeram de (com) você”

[Provérbios africanos]

Neste capítulo, apresentaremos duas palavras novas. Elas não são muito usadas na linguagem comum, mas nos permitem entender bem a questão racial no Brasil.

São elas: **NEGRIDADE** e **NEGRITUDE**

São dois conceitos complementares, mas cada um engloba certos aspectos da nossa questão. Vamos analisá-los separadamente.

NEGRIDADE:

Negritude é aceitar, gostar e defender as tradições culturais do negro, o seu jeito de ser em diversos aspectos, como por exemplo, a religiosidade e/ou a extroversão, e/ou a alegria de viver, e/ou o senso comunitário, e/ou a emotividade e sentimento, e sentido de cooperação.

**Veremos, agora, alguns exemplos
de resistência nos princípios da NEGRIDADE.**

CASO 1 Consciência negra na Serra da Barriga/AL

“O Dia 20 de novembro reuniu cerca de 5 mil pessoas no Parque Memorial Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, em Alagoas. Estudantes, capoeiristas, quilombolas e pessoas de todas as idades subiram a serra, de carro ou a pé, para **HOMENAGEAR OS 313 ANOS DA MORTE DE ZUMBI DOS PALMARES E A CONSCIÊNCIA NEGRA.** [...] O Parque ficou tomado por rodas de capoeira, grupos de dança afro e religiosos de matriz africana.”

CASO 2 Movimento Negro de Rondonópolis [MNR]

Em Rondonópolis/MT, atuava o Movimento Negro de Rondonópolis [MNR]. O grupo realizou, no mesmo período, manifestações semelhantes junto às escolas públicas por causa da **SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA.** A partir de 2006, o MNR desenvolveu tais atuações consideradas de “Negridade”. E hoje, o grupo realiza atos públicos, políticos, concursos literários, culturais e festivos na praça central da cidade. Também promove cursinho pré-vestibular para pessoas carentes.

**A Semana da Consciência Negra,
criada originalmente no Rio Grande do Sul
pelo Movimento Negro, expandiu-se nacionalmente.
Hoje é comemorada em centenas de escolas públicas
e privadas pelo Brasil afora. Isso tudo graças
às atuações das várias entidades de movimento negro,
escolas, diretores, estudantes e professores.**

CASO 3 Onde estão as bonecas negras?

Há 15 anos, Ana, a artesã, faz bonecas negras, que subvertem o estereótipo “nega maluca” e fornecem novas armas para o combate ao preconceito [...] Ana conta que foram poucos os brinquedos durante sua infância, mas lembra de “nunca ter tido uma boneca negra. Além das bonecas, também é digno de nota um grande número de cabelereiras negras que realizam penteados afro-brasileiros, tranças jamaicanas e rastafáris”. Fonte: *Brasil de Fato*

É tão raro encontrar bonecas negras que chega a causar estranheza quando se encontra. Ao observar uma boneca negra em padrão mundial, é possível verificar que esta tem apenas a cor negra, pois os traços são brancos; é uma boneca

Embranquecida. Apresenta lábios e nariz finos, olhos verdes ou azuis e de cor geralmente negra clara, parda (é o caso da Barbie). Contraditoriamente é assim, num país em que a maioria da população é negra.

Mas há iniciativas que têm procurado melhorar essa situação. Um bom exemplo é este que acabamos de citar: o de uma artesã negra, que produz bonecas negras autênticas.

CASO 4 As Religiões Afro-brasileiras

Quando nos referimos às religiões afro-brasileiras, falamos daquelas que foram trazidas para o Brasil pelos negros africanos, na condição de escravos. Ou, então, aquelas que absorveram ou adotaram costumes e rituais africanos.

Não é novidade que o ataque a tais religiões é

diário e constante. É comum, “normal”, o fato das matrizes religiosas africanas não terem seu devido espaço nos Meios de Comunicação. **Suas religiões são constantemente ridicularizadas e inferiorizadas, sendo que não é sequer dado o direito de resposta quando a crença de origem africana é atacada.**

Macumba é ridicularizada

*O conceito de macumba está tão arraigado na Cultura popular brasileira que são comuns expressões preconceituosas como “xô macumba!” (Umbanda) e “chuta que é macumba!” para demonstrar a má sorte. Nei Lopes esclarece em sua *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*:*

MACUMBA:

Nome popularesco e de cunho às vezes pejorativo, com que se designam as religiões afro-brasileiras, notadamente a Umbanda e o Candomblé.

CASO 5 Até professora negra é agredida e ridicularizada

Já vimos que o racismo aparece, em sala de aula, de diferentes maneiras. Uma muito comum é a que se baseia no estereótipo que cabelo bonito é cabelo liso e loiro. Assim até professoras são ridicularizadas.

É o longo combate para afirmar a sua identidade **NEGRA**.

Segue um relato de uma professora negra que ilustra bem esse fato:

“[...] Enquanto caminho pelo interior da escola, a zoadada parece que aumenta, e percebo um pouco assustada que o motivo agora sou eu: As crianças correm para as janelas da sala e, às gargalhadas apontam, sorriem e gritam... é ... estão falando do meu cabelo.

[...] Um misto de excitação e tristeza me deixa magoada ao constatar a pequenez do mundo dessas crianças - negras em sua maioria - que ridicularizam a mulher negra que passa, não legitimando minha negritude, não se reconhecendo negras junto comigo e a partir de suas gargalhadas me exilando [...] Uma mãozinha se levanta:

- Mas Tia, porquê seu cabelo é assim?”

Fonte: Viviana Santiago. Em *Blogueiras Negras*. 27/2/2014

NEGRITUDE:

O conceito afirmou-se nos anos 1930, e passou a ser referência para os negros da África e da Diáspora. Aqui no Brasil, também construiu-se a solidariedade e o compromisso racial, o respeito e a consideração entre todos os negros [pretos e pardos], e a luta e resistência também pela Igualdade, Justiça e Liberdade.

VEREMOS, AGORA, ALGUNS EXEMPLOS DE RESISTÊNCIA TÍPICOS DA NEGRITUDE.

CASO 1 Imprensa Negra no interior do Brasil

O jornal *Quilombos* existiu entre 2006 e 2012, com distribuição gratuita. Foi, por um bom tempo, financiado por doações individuais e patrocínios dos mais variados. Graças à dedicação de alguns militantes, chegou a tiragens de 5.000 exemplares, em edições distribuídas principalmente em escolas públicas para diretores, professores e estudantes.

A publicação foi uma importante voz de luta antirracista, além de veicular as principais ações do MNR [Movimento Negro de Rondonópolis]. Um exemplo foi a criação, por parte do grupo, de um cursinho pré-vestibular gratuito para a população pobre, em sua maioria negros. A iniciativa favoreceu 120 alunos em 2006, e, em 2009, alcançou 600 alunos.

CASO 2 Doenças que mais afetam os negros

O Movimento Negro Brasileiro vem atuando no combate à Anemia Falciforme. Essa luta é basicamente pelo cumprimento da Lei federal que garante o atendimento adequado no Sistema Único de Saúde.

Esta é uma forma de combater o Racismo Institucional na Saúde que consiste em indiferença, mau encaminhamento quanto à saúde do negro, estereótipos, desinformação, desinteresse, má orientação, diagnósticos errados e tratamentos inadequados, etc.

Outras doenças: diabetes, hipertensão arterial, transtornos mentais.

CASO 3 O protesto do Rapper GOG contra a GLOBO

Hoje há muitas manifestações culturais que protestam contra o racismo e o preconceito racial. No campo da música RAP floresceram muitas manifestações contra esta herança da época da Casa Grande e Senzala.

Uma das mais fortes é a do Rapper GOG, de dezembro de 2013. Na época ele disse que não aceitava o convite da

Rede Globo para que participasse de um programa que seria transmitido em nível mundial devido à Copa do Mundo.

A sua recusa reforçou o protesto do movimento negro contra a participação de outros artistas negros na programação de abertura da Copa do Mundo. O portal *Fórum* divulgou as próprias palavras do artista:

“A Rede Globo me mandou outro convite: [...] querem que eu suba ao palco na Esplanada dos Ministérios em 15 de junho de 2014, num evento produzido em parceria com a FIFA e outros mais com transmissão para todo o planeta. Gostaria de dar minha resposta em cadeia mundial, aqui e agora, dia 06/12/13, dia dos sorteios dos grupos da copa.

NÃO ACEITO O CONVITE, NÃO NEGOCIO COM VOCÊS, NÃO ME PROCUREM MAIS, ESQUEÇAM O MEU NOME!

Vocês patrocinam o *apartheid* brasileiro”.

CASO 4 A persistência de Zumbi dos Palmares

Tem-se procurado ressaltar o significado e a importância de Zumbi dos Palmares. Ele não foi a única liderança negra de luta contra a escravidão, mas acabou se tornando o mais conhecido devido ao longo período de resistência. Além dele, podemos citar outras lideranças, como Dandara, Ganga Zumba, e tantos outros líderes de tantos quilombos.

**Dia 20 de Novembro é o dia de ZUMBI
O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA**

CASO 5 Combate ao racismo pela aparência

Enquanto isso, ainda há cenas de discriminação e racismo por causa da aparência dos negros. Ilustrativa foi a segregação de um menino de 8 anos, de Guarulhos (SP) por causa de seu cabelo “Blackpower”. Mostra a luta cotidiana de negros/as, no Brasil, **pelo simples direito de poderem exibir suas aparências normalmente**. O fato gerou uma desaprovação geral por parte da população, o que levou a um protesto no centro da capital paulista.

CASO 6 Luta e resistência quilombola

Graças ao movimento negro, a questão Quilombola ganhou maior clareza, definição, e passou a ser alvo das políticas governamentais. A defesa

das Comunidades Quilombolas apresentou-se como uma questão de preservação do patrimônio histórico-cultural e de justiça social.

Uma das dificuldades é a falta da realização de uma Reforma Agrária Quilombola, ou de um projeto específico. Em fevereiro de 2014 o movimento quilombola da Bahia elaborou uma carta que resume perfeitamente o sentido da luta dos negros descendentes de escravos de terem sua terra.



QUILOMBO RIO DOS MACACOS PEDE SOCORRO!

A seguir, um trecho da

CARTA QUILOMBOLA DA BAHIA, de fevereiro de 2014:

Com esta carta reafirmamos que a luta quilombola se dá na terra e no território. Sem a terra não haverá desenvolvimento social, cultural, econômico e político.

Por isso repudiamos toda a violência cometida pelo Estado da Bahia com a política de crescimento econômico em desenvolvimento. Esta política tem retirado direitos e garantido ao capital estrangeiro terras do patrimônio do povo baiano.

Tal riqueza pública tem servido ao avanço das monoculturas [...], à indústria da mineração, à construção de barragens e hidrelétricas.

**Reafirmamos, para tanto,
que o Brasil só será
desenvolvido se todos
tiverem o acesso a esse
maior patrimônio, a terra.**

Denúncias de racismo têm aumentado.

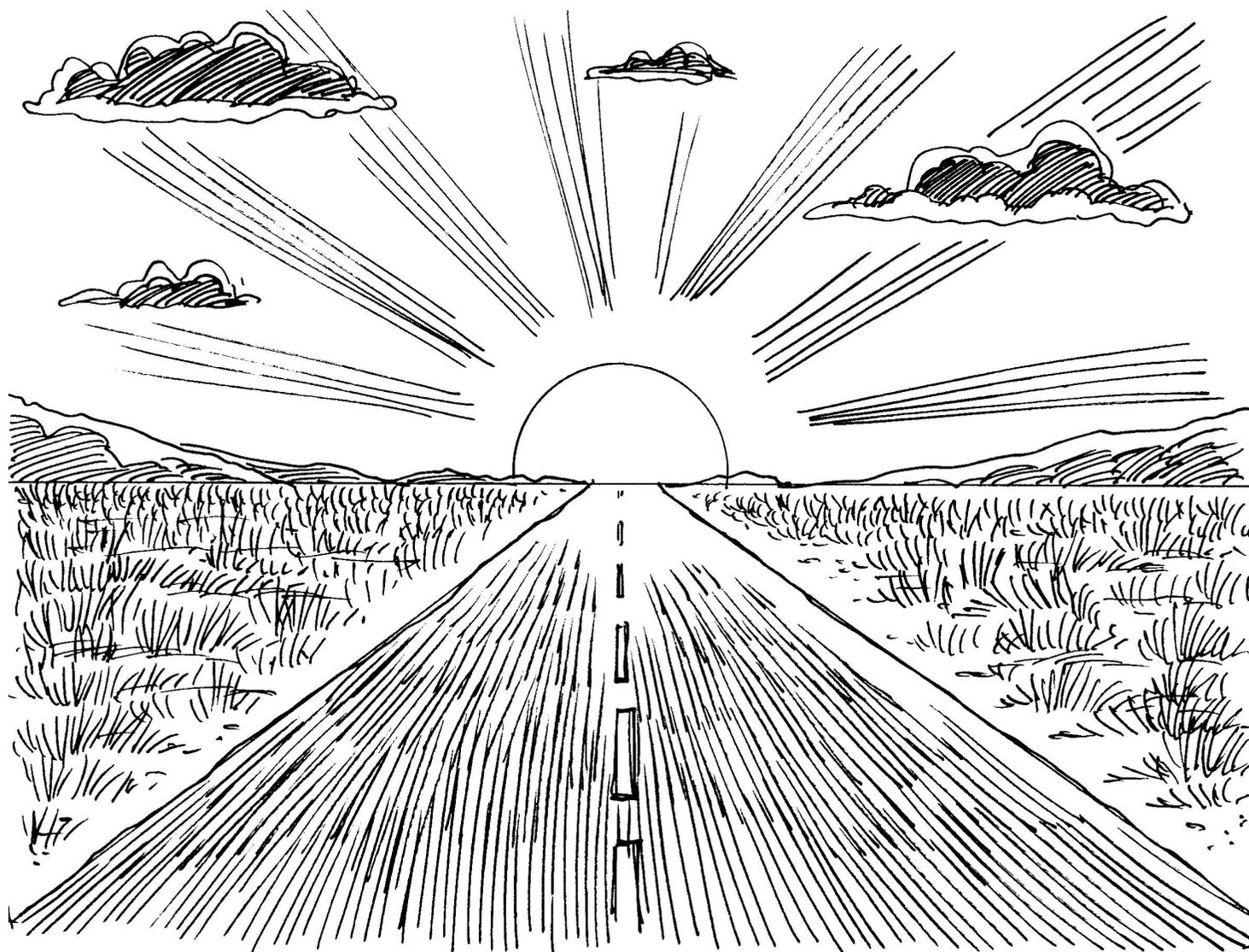
**Nos últimos dez anos houve melhorias
das condições socioeconômicas do negro.**

Mesmo assim, está longe de haver uma 2^a ABOLIÇÃO.

Caso nada seja feito em níveis institucionais para a reversão desta situação, há riscos de o racismo aumentar ainda mais.

Cabe ao negro denunciar o racismo e procurar cada vez mais a justiça contra a discriminação racial. Já se observa um aumento das denúncias e dos pedidos de indenização por parte de negros vítimas de racismo. Precisamos defender políticas públicas institucionais; não apenas as governamentais.

A estrada é longa. Mas chegaremos lá!



LATUFF 2015

Rumo à 2ª Abolição

“A chuva bate na pele do leopardo, mas não tira suas manchas”

“Quando as teias de aranha se juntam, elas podem amarrar um leão”

[Provérbios africanos]

Eis algumas sugestões de medidas que podem contribuir para a

2ª ABOLIÇÃO,

já que a primeira não resolveu os problemas da população negra.

Serão apresentadas propostas para as áreas de

Educação, **Economia**, **Cultura** e **Saúde**.

Educação

Um dos principais problemas dos nossos currículos é o **EUROCENTRISMO**.

O centro de nossa Cultura escolar é a Europa com sua história, sua filosofia, sua ciência, sua política, sua arte, sua religião, enfim, seus valores. Essa supervalorização da Cultura europeia e ocidental cria estereótipos, preconceitos e discriminação racial. Essas ideias são repetidas em sala de aula, na sociedade, na família e reproduzidas e ampliadas pela mídia.

**Propomos construir e divulgar
uma nova escola.
Uma escola com uma
Educação Multiculturalista Reformista.**

Os principais objetivos dessa escola são:

- ✓ Criar possibilidades para que os alunos mais pobres não abandonem a escola;
- ✓ Permitir que os responsáveis das famílias mais carentes trabalhem;
- ✓ Combater práticas e pensamentos racistas no ambiente escolar.

Esta escola deverá ser de período diurno integral, com funcionamento de 12 horas. Estará baseada em metas e princípios básicos. Alguns deles são:

- 1 Três refeições diárias;
- 2 Metade da jornada diária destinada ao cumprimento das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornam obrigatório o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena;
- 3 Bolsa-escola, conforme o desempenho escolar;
- 4 Extensão da duração da Escola Básica para 13 anos, com a inserção do Ensino Profissionalizante no Ensino Médio;
- 5 Escola Multiculturalista e/ou Pluriculturalista em pelo menos 50% da carga horária;
- 6 Os casos de racismo, preconceito e injúria racista deverão ser punidos, com direito a defesa. As reincidências implicarão na expulsão do responsável;
- 7 O Ensino de uma modalidade esportiva será obrigatório, podendo haver a escolha do aluno pela capoeira;
- 8 O ensino religioso será facultativo, ou seja, não obrigatório. Todas as religiões e manifestações de religiosidades deverão receber tratamentos igualitários.

Economia

Para garantir melhores condições econômicas rumo à 2ª ABOLIÇÃO, são necessárias medidas das oficiais que superem a pobreza e a miséria. Algumas delas são:

- 1 Estabelecimento, em nível nacional, do salário mínimo apontado pelo Dieese [Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos]. Ou seja, aquele necessário para que o trabalhador supra suas necessidades básicas e de sua família. Em 2014, o valor apontado pelo instituto era de cerca de R\$ 3.000,00;
- 2 Realização de uma Reforma Agrária ampla, profunda, drástica e ecológica técnica e economicamente autossustentada, inclusive uma Reforma Agrária Quilombola;
- 3 Igualdade salarial no Mercado de Trabalho para o exercício das mesmas profissões, independente de raça, sexo e gênero, com a criminalização de qualquer desigualdade deste tipo;
- 4 Fiscalização frequente do Mercado de Trabalho pelo Ministério do Trabalho e pelo Ministério Público;
- 5 Estabelecimento da jornada de trabalho de 30 horas semanais para todos os trabalhadores.

Cultura

Para alcançarmos a 2ª ABOLIÇÃO, apresentamos algumas propostas de intervenção cultural. Elas são fundamentais para a mudança de pensamento em relação ao negro. É sempre bom lembrar que não se nasce racista, mas se aprende a sê-lo.

- 1 Os meios de comunicação devem garantir a participação de 45% de atores negros [pretos e pardos] nas produções, transmissões e exibições televisivas;
- 2 Ainda com relação à mídia, deve-se distribuir igualmente os horários de programas religiosos, segundo os principais credos brasileiros – incluindo, aí, as religiões afro-brasileiras;
- 3 Pelo menos 25% dos livros literários e científicos editados anualmente devem contemplar temas afro-brasileiros;
- 4 Instituição da disciplina acadêmica Arte e Cultura do Negro Brasileiro [ACNB], como optativa em todos os cursos superiores.

Saúde

Sabemos que a população negra apresenta elevada mortalidade, seja natural, seja por eliminação física (assassinatos por grupos de extermínios). Também é a que possui piores

condições de vida e trabalho, pois tem o maior contingente na pobreza e na miséria, além de ser vítima do racismo no cotidiano. Nesse sentido, sugere-se como medidas básicas:

- 1 A acessibilidade ao Sistema Único de Saúde [SUS];
- 2 Extinção de atendimentos insuficientes e preconceituosos na rede pública, além da oferta de uma formação continuada dos profissionais da saúde voltada para a humanização;
- 3 A saúde deve ser considerada uma prioridade nacional.

Além das sugestões específicas para a área da saúde, sugere-se aqui uma série de medidas sociais mais amplas, como:

- ✓ **Eliminação de grupos de extermínios, investigações dos autos de resistências e fiscalizações permanentes do Estado para completas extinções dos extermínios;**
- ✓ **Humanização das assistências de atendimentos à população carcerária;**
- ✓ **Melhoria das condições dos presídios e do sistema socioeducativo;**
- ✓ **Combate à redução da maioria penal, etc.**
- ✓ **Reforma do sistema penitenciário considerando os direitos e sociais dos presos, e não exclusivamente os interesses do Capital, inseridos na construção de presídios e criação das polícias privadas.**

Conclusão

“A esperança é o pilar do Mundo”

“A água sempre descobre um meio”

“Um peixe grande é pego com isca grande” [Provérbios africanos]

**O Racismo é um problema antigo
que ainda persiste em nossa sociedade.
Podemos nos questionar: como é que o Racismo ainda
não foi superado frente a tanto conhecimento e progresso?**

Para responder, é necessário, primeiramente, questionar as noções de conhecimento e de progresso. Depois, perguntar se, de certa forma, o racismo não é interessante de ser mantido a certos grupos sociais, já que sempre beneficiou as elites.

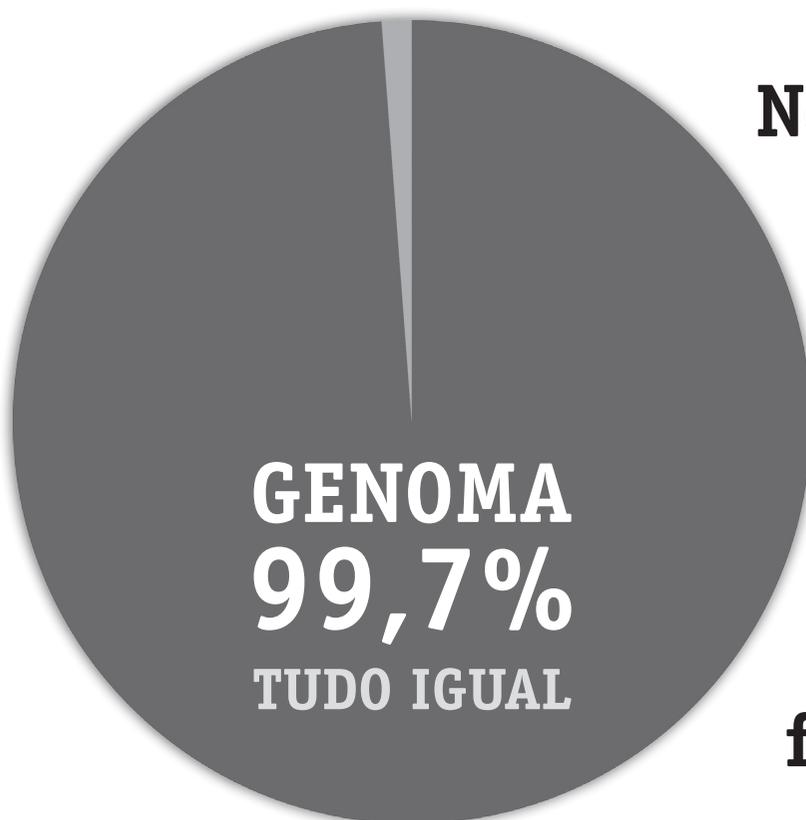
O PRIMEIRO MOTIVO para a perpetuação do racismo é o fato de ser uma ideologia de LONGA DURAÇÃO – inaugurada para o Brasil pelo menos no século XV, senão antes. Sendo assim, as ideias repetidas ao longo de séculos não poderiam sumir simplesmente por encanto. Dessa forma, perpetuaram-se diversos preconceitos e estereótipos, que vemos reforçados a cada dia.

O SEGUNDO MOTIVO foi a criação de uma

nova ideologia racista basicamente no ILUMINISMO, século XVIII, e se estendeu pelo século XIX. Tal pensamento considerava que os negros “não eram” propriamente seres humanos, ou seriam inferiores aos homens brancos e amarelos.

**BOA PARTE DOS SÁBIOS,
FILÓSOFOS FRANCESES
E ALEMÃES, TAIS COMO
VOLTAIRE, KANT, HEGEL,
DEFENDERAM A
INFERIORIDADE DO NEGRO.**

O Racismo Científico estendeu-se até poucos anos atrás quando o Projeto Genoma Humano [PGH] e Celera Co. derrubaram completamente as teses racistas. Ambos demonstraram que todos somos um só.



Nossa composição genômica é igual em 99,7%, independente de cor, gênero, traços físicos, etc.

Logo, o Racismo não tem o menor sentido científico para existir. Sobrevive apenas pela existência de mentalidades reacionárias, conservadoras; pela superexploração econômica, como instrumento de poder, prestígio e de opressão cultural.

No Brasil, a elite branca racista faz de tudo para assegurar seus privilégios e suas distinções. Por isso são raras as reformas para superar o racismo histórico.

Uma sociedade livre, igual e justa não pode conviver com o Racismo. Este, em termos econômicos, confere privilégios para a elite branca, que muitas vezes justifica sua posição com uma “pretensa desigualdade natural” entre os seres humanos.

- ✓ Cabe aos negros e a todos os trabalhadores, maioria da sociedade brasileira, aproximarem-se e **lutarem juntos contra as diversas formas de opressão;**
- ✓ A **união de negros e todos os trabalhadores contra o Racismo** pode resultar em uma verdadeira e profunda democracia racial, baseada na igualdade entre as pessoas.
- ✓ Por fim, não se pode esquecer que a forma mais prejudicial de Racismo é a Branquitude. Ou seja, a **indiferença pela sorte do negro, a responsabilização pela sua situação, e a falta de sensibilidade e empatia para com seu sofrimento**. Manifesta-se, ainda, nas afirmações tão comuns de que “o Racismo não beneficia o branco de nenhuma maneira”.

Muitas vezes, os brancos negam o racismo enquanto o praticam.

Nosso esforço é contribuir para acabar com ele e caminhar em direção à sociedade com a qual sonhamos.

**Axé
Motumbá !!!**

Projeto Gráfico: Esta publicação foi elaborada em 21 x 27,5 cm, com mancha gráfica de 18 x 23,5 cm, fonte ITC Officina Serif 12 pt, papel off set, P&B, impressão offset, grampeado.
Edição Impressa - Tiragem: 3.000 exemplares / Gráfica: Gráfica Print / 2017



ØINTEP-MT

FILIADO A **CUT** E A **CNTE**
Livre, democrático e de luta!

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-86422-71-3



9 788586 422713